

JULHO

Julho de 1916



Revista

Feminina

Anno 3
Nº 26



Cha' Laxativo Brasileiro

Laxante, desobstruente, tônico, diuretico, carminativo e depurativo.

É um preparado de gosto muito agradável, que vem sendo preparado há muitos annos e substitue com bem melhor vantagem os chás laxativos que nos vem do estrangeiro.

É de preparação mais recente e entram na sua composição preciosas plantas da Flora Brasileira de provadas virtudes nas doenças em que o chá é aconselhado.

O "Chá Laxativo Brasileiro" combate não só a atonia gastro-intestinal, como as erupções cutâneas de fundo arthritico ou syphilitico, remoçando a pelle, que se torna macia e rosada, pois o "Chá Laxativo Brasileiro" depura maravilhosamente o sangue, e por tal razão cura ulceras, dartiros, impigens, eczemas, furunculos etc. Sempre que haja embaraço gastrico, cabeça pesada, tonturas, zumbido de ouvidos, má disposição para o trabalho, nervosismo, falta de appetite, dores de estomago, dores de cadeiras, digestões penosas hemorroides e tantas outras perturbações da saúde, o "Chá Laxativo Brasileiro" pôde ser usado uma e mais vezes até que todas as funções se mantenham em equilibrio.

Uma dose, tomada á noite, ao deitar provoca na manhã seguinte uma evacuação facil, sem collicas, deixando a pessoa bem disposta.

A venda em todas as
PHARMACIAS E DROGARIAS
 e nos depositarios:
LAVES & RIBEIRO
Drogaria YPIRANGA
RUA LIBERO BADARO, 112
SÃO PAULO

- LA SAISON -

- (A ESTAÇÃO) -

HENRIQUE BAMBERG

RUA LIBERO BADARÓ Nº. 113
 TELEPHONE, 1013 - CAIXA, 113

- - - SÃO PAULO - - -

GRANDE OFFICINA DE COSTU-
 RAS DE VESTIDOS PARA
 SENHORAS E MENINAS

TEM SEMPRE UM BONITO e GRANDE
 SORTIMENTO DE FAZENDAS, ARMARINHO,
 ENFEITES e MODAS. — ACCEITAMOS
 ENCOMENDAS DO INTERIOR e PARA MEDI-
 DA E SUFFICIENTE MANDAR UM CORPINHO.

TRABALHOS GARANTIDOS e PREÇOS
 MODICOS

ANNO III

SÃO PAULO JULHO DE 1916

NUM. 26

PROPRIEDADE
 DA EMPRESA
 FEMININA
 BRASILEIRA

Revista
 Feminina

DIRECTORA:
 VIRGILINA DE
 SOUZA SALLES
 REDACÇÃO:
 ALAMEDA GLETTE, 87

Preço para venda avulsa:
 600 réis

ASSIG. ANNUAL PARA TODO O
 BRASIL 7800
 TELEPHONE No. 6004

JULHO

TARDE de inverno; humida, fria, brumosa. Uma garça imperlente e miuda como certos pequenos nadas desagradáveis que nos enervam horrivelmente, em certos dias pela sua sequencia — embacava os vidros de automovel, que atravessava ruas desertas e tristes. Tomei o phone e fiquei um momento indecisa. Para onde? Um homem mandaria tocar para seu club, porque os homens dispõem desses oasis tepidos nos dias inspidos de garça, de frio e de bruma. Tiveram a amabilidade de reservar-nos as egrejas...

A casa de uma amiga. Qual? Lembrei-me de Maria Angela, a joven esposa de um velho senador. Não a via desde mezes. Não assistira ao seu casamento, por doente e estava ainda a dever-lhe a visita de felicitações. Um dia chuvoso e triste pede mais uma visita de pezames, mas infelizmente eu não estava a dever visita de pezames a nenhuma pessoa de minhas relações. Aliás, uma visita a Maria Angela, lembrava-me qualquer coisa de itinerario... A uma ou duas, a diversas de minhas amigas, ouvira que a nossa alegre e descuidada Maria Angela merecia pezames e não parabens, por se ter casado com o senador, digno talvez de immenso apreço pela sua brilhante posição politica mas pouco encantador numa assembléa que Cupido devesse presidir. E dentro de alguns minutos estava eu a apertar o botão electrico da elegante "Villa" da joven senadora, com uma certa curiosidade de tomar dois apontamentos sobre seu novo estado.

Recebeu-me cerimoniosamente um creado, excessivamente moreno, que se esforçava de balde por vestir-se decentemente com a solemnidade de uma casaca com agalados e que me advertiu desde logo, que o senador estava em conferencia, procurando assim prevenir qualquer emergencia futura. Com um certo constrangimento perguntou-me elle, antes de me fazer atravessar o corredor sombrio, que levava á sala da espera:

— A senhora é professora?
 Desanuviou-se-lhe a phisionomia quando lhe respondi que nem era professora, nem desejava falar com o

senador e que desejava apenas ser annunciada, a Maria Angela.

Faz favor, então! — disse-me elle já amavel e levou-me para outra sala, a tagarellar — A senhora queira desculpar... mas é que o senador manda dizer que está em conferencia, quando vem alguma professora. E' que, não ha cadeiras para tanta professora! — e sabiu a annunciar-me.

Fiquei um momento a admirar o salão. Era distincto, bem posto, de symetria perfeita nos seus minimos detalhes, de cores neutras e de aspecto quasi severo. Parecia vestido de casaca e gravata preta, para uma sessão solenne. Olhei instinctivamente minha toilette. Felizmente estavam no inverno. O velludo grenat do meu vestido, não ia mal ao acto e o arminho, da golla do meu mantaou, lembrava ligeiramente uma beca. Estava perfeitamente vestida para o salão. As cadeiras eram altas e direitas. Sentei-me a uma dellas, que se incumbiu de por-me o corpo, rijo e teso, como convinha ao salão.

Surgiu-me logo ao espirito a figura de Maria Angela. Que eu conheçera, risonha ruidosa, primaveril, vestida de côres radiantes... Como devia ser infeliz naquelle senado! la surgir, no quadrado hirto do portal, entre os dois apanhados do reposteiro nosado de damasco vermelho escuro, abotoada num vestido de seda pesada, a saudar-me com a mesura comedido e silenciosa, que tudo alli impunha!

Pobre flôr de primavera esmaecida rapidamente na glacialidade daquelle ambiente!

Ja me preparava para precipitar quatro ou cinco phrases de banal cumprimento e não a constranger com a evocação de nossa alegre amizade antiga, quando ella appareceu, lepi-da, saltitante, risonha como sempre, ainda mais fresca e mais viçosa, numas lindas roupas de interior a estender-me ambas as mãos:

— Oh! que deliciosa idea a tual! Porque não me veste vêr antes? Minhas amigas fogem-me! Parece-me que tem medo ao meu senador!... E alegre, feliz e primaveril como d'antes, encheu-me de perguntas sobre uma, sobre outra e sobre outra mais das amigas communs, que constituíam o circulo que nos fora commum, antes do seu casamento.

Seu riso e sua voz fresca e crystallina em um minuto transformaram

o salão, como um raio de sol que de choíre tivesse atravessado os severos e pesados reposteiros das janellas. Levou-me de um assumpto a outro, com a encantadora volubildade de sua alma de rapariga e dentro em pouco parecia-me estar com dantes, na elegante saleta de sua casa antiga, de cores claras e alegres como um berço de boneca. Até um busto sizado, de oculos e barbas, que thronara sobre uma columna, entre dois portaes, pareceu-me sorrir!

Vendo-me a olhal-o Maria Angela perguntou-me:

— Sabes quem é? — e a sorrir carinhosamente, não me deixou tempo de responder — É' meu marido! Está a despedir o tachygrapho que lhe trouxe o seu discurso desta tarde e já vem verte.

Uma pergunta que me estava a atormentar, explodiu então sem que eu me apercebesse:

— É's feliz, então?
 — Oh! immensamente! O que é a felicidade? É' um ponto de vista, um simples ponto de vista, tú mesma escreveste isso... Porque me perguntas?

— Pela differença de edades... quero dizer...

— Não corrijas... Compreendo bem! Todas vocês devem pensar assim. É' um engano, um puro engano. É' mais velho que eu, não ha duvida e é porisso mesmo que me faz feliz, porque me trouxe para aqui, para esse canto que te parece austero, como um canario, como uma flôr, que devesse alegrar sua vida com seu canto, com sua frescura e sua perfume... E porisso é todo seu empenho que no meio da sombra, que era sua vida, mais alegre seja meu cantar, mais vivo meu perfume.

Uma objeção ia brotar-me dos labios. Maria Angela atalhou-me:

— Não raciocines. A felicidade é inimiga do raciocinio. Amor feliz é o que pode viver tranquillo, no seu exclusivismo egoista, sem receios, sem temores, sem ciumes... Isso eu tenho e basta-me.

Ouviram-se passos no corredor:
 — Ah! vem elle. Já despachou porcerto o tachygrapho de minha unica rival e, digo-te com franqueza, é uma rival que me faz poucos ciumes... Anna não desmoralisada e tão róta essa Republica!

Anna Rita Mathieiros
 (Revista Feminina de S. Paulo)

UM MAÇO DE CARTAS

III

(Colaboração especial para a Revista Feminina)

Minha Madrinha

Ora imagine que percorri hoje todas as livrarias à procura de livros brasileiros sobre educação, e voltei para casa... como sei. Que fazem os nossos médicos, os nossos fisiologistas, os nossos educadores de coração, que não se lembram de instruir as jovens Mães suas patricias, com noções modernas da arte tão complicada de dirigir os filhos?

Eu tenho boa vontade, mas sou ignorante e receio comprometer a felicidade dos meus rapaziños e a minha felicidade futura, incutindo-lhes idéas, hábitos e gostos que talvez não sejam os que, rigorosamente mais lhes convêm!

De dia para dia a nossa vida nacional muda de aspecto e de sentimento; não posso por isso, pensar em transmitir a meus filhos a mesma educação (aliás deficientíssima) que recebi. Além da diferença do sexo, porque eu era uma menina e eles são rapazes, há ainda a diferença de ambiente, do lar dos meus pais para o do meu.

Com as mesmas idéas religiosas e os mesmos preconceitos sociais, meu Pai e minha Mãe criaram em casa uma atmosfera talvez um pouco pesada, mas tranqüila e sem oscilações de temperatura. Contudo quando olho para o passado não me parece que minha mãe tenha sido feliz.

Percebo que se submetia a muitas cousas por um exagero de prudência em que reduzia a cinzas inertes iniciativas e vontades perfeitamente legítimas, sem que o sacrifício a que submetia a sua opinião e a sua vontade lhe tivesse dado nenhum proveito, nem a ela nem talvez mesmo a nós. O que somos devemos sel-o francamente. O constrangimento de alguém, cria sempre ao redor de si um halo de dúvida e de tristeza...

Na minha casa, como em quasi todas as outras da actualidade, ha certos desencontros de opinião. Meu marido e eu somos duas personalidades distintas. Essa maneira de ser de cada um, não pôde deixar de refletir uma certa perplexidade no modo de pensar dos filhos... Mas ao contrário do que a primeira vista possa parecer, não creio que essa circumstancia lhes venha a ser desfavorável, visto que ela nada altera nem o amor nem a consideração com que mutuamente nos tratamos. Por enquanto ainda é cedo para se fazer sobre isso um julgamento seguro; mas os anos passam depressa e não tardará o dia em que venhamos a verificar se estou em erro. Entretanto, qual o método melhor para dirigir as crianças? O pai, nas horas que passa em família não tem tempo para se preocupar com elas e, ou as afasta de si para não ser in-

comodado pelo barulho, ou consente em tudo quanto elas queiram fazer. Se alguma delas, porém, se através numa perallice mais grave, logo os seus olhos procuram os meus numa interrogação muda de censura, cuja significação é esta, literalmente:

— E' assim que tu educas os filhos?

O que mevale, minha madrinha, são os conselhos da sua experiencia; sem eles nem esta mesma curiosidade de leituras educativas eu talvez tivesse. Embora a minha imaginação não se sentisse nunca atraída por essa espécie de literatura, a compreensão que só agora começo a ter da sua utilidade e das minhas responsabilidades exige-me da consciência que eu a esqueça e a inca mais, que eu a esqueça! Por tudo que lhe disse perceberá que não me quereria servir para isso de livros francezes, escritos para francezes, nem tampouco de livros inglezes, escritos para inglezes ou americanos.

Por menos atilada que seja a minha intelligencia, presinto que a educação física e moral de cada povo deve estar de accordo com as tendencias naturais da sua raça e com as condições do clima do seu respectivo paiz. O que se combate em uns não será talvez preciso acorçoar em outros, se não em absoluto, pelo menos até um certo ponto?

Entre tantos brasileiros illustres e cientistas, será crível que nenhum se sentisse atraído por esse problema, escrevendo, em linguagem de facil penetração um livro para uso das mães suas patricias? Só uma pessoa bem conhecedora do nosso modo de ser e das nossas necessidades poderia fazer um trabalho verdadeiramente aproveitável nesse sentido. Enquanto esse sonhado livro não apparece eu queria adivinhar o modo de conduzir meus filhos para a Felicidade. Mas como? Adivinho a sua resposta:

— Dando-lhes uma boa saúde e melhores exemplos. De accordo. Mas não basta. Sinto que não basta. E' preciso mais alguma cousa e que eu ainda não sei bem o que seja. Talvez o regimen, o método, a ordem, todo esse exercício disciplinar de palavras duras, com o sentido das quais não travei nunca um conhecimento muito intimo...

Falta-me o feito para a rispidez e nas minimas coisas o meu coração atraiçoiaria a vontade de manter severidades...

Oço dizer que se deve proibir a sobremesa ás crianças, para castigar-as de certas travessuras; que se deve também obrigal-as a ir para a cama ás sete horas, ainda que se sonem, e outras tiranias equivalentes.

Pergunto: contrariando assim, de modo tão absoluto essas pobres alminhas acertaremos com o modo melhor de lhes aperfeçoar o coração e o carater? Ah! está para mim um motivo de dúvida...

Parece-me que, negando a um filho o seu desejado quinhão de goia-

bada ás cinco horas da tarde, por causa de uma traquinagem que elle tenha feito pela volta do dia, nós exercemos menos um castigo do que uma vingança, o que lhe pôde des- pertar no pensamento rancor em vez de sentimento das crianças é violento, é impetuoso. Lembro-me que meu irmão, quando era pequenino, desejou um dia que a nossa Avó morresse. Porquê? Porque elle o puzera de pé a um canto da sala durante um espaço de tempo que não teria excedido uns cinco ou, quando muito, dez minutos.

Eu era a sua confidente. Recordo-me como se fosse hoje do modo porque elle batia com o pézinho no chão, como se estivesse a calcar a sepultura da velhinha adorada, repetindo-me, todo vorozinho e zangado:

— Tomára lá que ela morra!

Horas depois, passada a crise desesperada, quantas lagrimas quentes, que arrempidamento dolorido e que abraços frenéticos a que a bóa Avósinha respondia rindo, afirmando que elle a estragava...

O que elle não podia imaginar, era a causa dolorosa, a causa tragica daquelle amplexo tão infantil, mas também tão nervoso! Tenho bem presente na minha lembrança todos os accidentes da minha infancia, e o modo porque achava sempre que todos eram injustos para comigo. Se me diziam uma palavra mais impaciente ou mais áspera, logo eu me sentia desamparada de todo o amor da familia!

E ninguém pense que essas susceptibilidades das crianças não as fazem sofrer. Eu não quero, positivamente não quero, que meus filhos passem por essas torturas; e ao mesmo tempo não os quero estragar com mimos. Eis a causa da minha confusão!

Suponho que nos outros países, mais calmos, mais frios, tradicionalmente disciplinados, a imaginação das crianças se subordina sem intimos protestos a todas as imposições que se lhes façam; mas no nosso, os meios de aperfeçoamento parece-me devem ser usados de um modo diverso.

Não lhe parece que estou raciocinando admiravelmente bem, minha madrinha, e que as minhas cogitações são bem denunciadoras do interesse com que leio as suas cartas, e acolho as suas doutrinas?

Uma idéa: porque não escreverá a minha querida Amiga esse livro? Ninguém lhe porá mais coração?

— Faça-o e dê-lhe o título de:

MATERNIDADE I

Com todo o affecto, um beijo da

sua

Angela.

Julia Lopes de Almeida

Nós e os jornaes

Em nosso numero anterior transcrevemos um bello artigo que sobre a nossa Revista publicamos em sua primeira pagina, "A Vanguarda", de Casola — Minas. Hoje apraz-nos igualmente transcrever outro bello artigo publicado pelo jornal "A Serra", que se publica em Timbalão, Estado de Pernambuco, e por elle vemos as nossas leitoras o movimento de entusiasmo e carinho que se va operando em todos os pontos do Brasil em favor de nossa Revista o que muito nos penhora e alegra.

EIS O ARTIGO:

A "REVISTA FEMININA"

As verdadeiras formulas em que se devia moldar a formação do espirito feminino, são problema por demais descurado nos tempos que correm.

A mulher de nossos dias encontra desde os primeiros passos no caminho de sua educação, um guia que lhe offerece gentilmente a mão, mas que afinal ainda não pode fornecer o sufficiente, o desejavel.

O requinte de nossos habitos sociais é o effeito d'uma imitação mal adaptada e impropria.

O que a sociedade exige da mulher educada é um conjunto de utilidades, um agregado de capacidades inúteis deixando uma descrença, uma desconfiança injusta nas capacidades uteis da energia feminina.

A mulher vive entre nós tão alheada dos assumptos capitais de nossa organização que até os proprios interesses, muitas vezes desconhece.

As modernizadas «meninas» de todas as idades não comprehendem attractivos que se afastem d'um exagerado vestuário da moda e de certos excessos de maneiras, mal imitadas e mal comprehendidas. As que procuram se impôr ás nossas considerações, o fazem sempre detestavelmente por lhes faltar o indispensavel nas maneiras aprimoradas por uma cultura sensata.

A base por excellencia d'uma acção fecunda em pró da mulher que se fará necessaria nas organizações futuras, está na salutar campanha para a cultura intelectual da nova geração feminina; na reacção contra essa propensão para o *emboqueamento* e essa paixão doentia por uma validade estulta de apparecer, brilhar, na vida elegante das reuniões e das columnas proprias dos jornaes.

Ser cortejada e distribuir galanterias, já parece o apice das aspirações femininas.

Merece bem a nossa repulsa, n'tua campanha salutar, esse abaixamento do nivel em que a mulher merece ser contemplada.

Com essa convicção propria, e com uma tal bandeira de combate, apraz-nos indicar, aqui, o melhor incentivo que temos encontrado para offerecer ás nossas jovens patricias que se devem abster do jugo de immoderadas exigencias sociaes.

Esse incentivo, cheio de bons ensinamentos, é o esplendido programma com que se edita na cidade de S. Paulo, sob a direcção competente de d. Virgínia Salles, a *Revista Feminina*.

Maio — 1916.

LELIA.

VIDA MUNDANA

Conservatorio Dramatico e Musical — No dia 8 do mez passado realizou-se no Theatro Municipal a festa promovida pelo Conservatorio para solemnizar a distribuição de diplomas aos alumnos que completaram o curso de 1915, bem como para distribuição dos premios conferidos no curso de piano effectuado no mesmo estabelecimento.

Foi uma festa encantadora; não só pelo excellente programma de que se compoz, como tambem e principalmente, pelo afiletado eloquente que ella apresentou os fructos admiraveis que está dando ao util estabelecimento, devido exclusivamente á iniciativa particular, á frente da qual pertinz e abnegadamente se collocou sem desfalecimento o nosso distincto confrade Dr. Gomes Cardim, que alem de jornalista e poeta de real destaque, é um dos nossos mais applaudidos auctores theatraes.

A festa foi aberta pelo Hymno Nacional, cantado pelo corpo coral de alumnos. Um frisson de enthusiasmo aqueceu a assistencia, ao ouvir as notas marciaes e heroicas de nosso canto patrio, tamisadas pela suavidade fresca e primaveril daquellas vozes juvenis. Uma ovação seguiu-se ás ultimas notas do hymno. Foi tambem muito applaudido o coro *«A»* oves, versos de Gomes Cardim, musicados pelo maestro João Gomes de Araujo. Entre os demais numeros do programma, devemos destacar a execução admiravel que á *Raphodia Hungara*, de Liszt e ao concerto em sol menor, de Mendelssohn, deram as senhoritas Nair de Carvalho Medeiros e Lucia Branco da Silva, as duas pianistas premiadas no curso do Conservatorio.

Sala Trianon — Mais um ponto elegante de reunião conta nossa Capital, com a inauguração da Sala Trianon, no Belvedere da Avenida Paulista, para cuja festa recebeu gentil convite, de seu proprietario, sr. Vicente Rosatti. A sala Trianon, é um lindo salão de chá, installado com raro gosto e luxo. No genero não temos melhor, mais bem posto ou mais aprazível, no Paiz. A festa de inauguração esteve presente toda nossa mais alta elegancia e não faltaram cumprimentos ao Sr. Rosatti, pela sua feliz iniciativa. Resta agora que as nossas familias não abandonem, pelo seu inexplicavel retrahimento tão lindo ponto de reunião, que então terá que seguir a trajectory dos demais... com lamentações posthúmas que pouco adiantam.

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA ANNUAL — 74000

As assignaturas podem começar em qualquer mez terminando um anno depois no mez correspondente.

A todas as pessoas que tomarem uma assignatura da REVISTA FEMININA remetteremos como presente O Adaluis elegante livrinho de receitas de cozinha e doces ou um fasciculo do «Cyrano de Bergerac» de Edmund Rostand.

Toda Sra. que nos arranjarr 10 assignaturas terá uma assignatura gratis alem do Adaluis, e á que nos enviar 2 assignaturas terá direito ao sorteio de um enxoval de noiva, um mobiliario ou um conto de reis em dinheiro.

Avisamos as senhoras assignantes cujas assignaturas terminam neste mez, que devem mandar reformal-as quanto antes evitando assim que seja suspensa a remessa da REVISTA.

Toda a correspondencia destinada á REVISTA FEMININA deve ser dirigida á Da. Virgínia de Souza Salles, directora da Empreza Feminina Brasileira, Alameda Glette, 87, São Paulo.

A REVISTA FEMININA precisa de bons agentes em todos as localidades do Brasil.

PRIMAVERA FEMINIL

Sob tão suggestivo título o professor Ernesto Bertarelli, enviou ao "Estado" uma crônica sobre o florescimento do espírito feminino na Itália, do qual extrahimos os seguintes trechos:

A alma feminil está em ebulição. Por vezes o reffer dessa alma conduz ao tolo crime da destruição da Venus de Velasquez que alegrava a vista na Galeria Nacional, outras vezes conduz a participação mais intensa na vida das obras de caridade (na Europa a luta anti-tuberculosa, por exemplo, é, em boa parte, devida ás senhoras), e em outras ocasiões ainda conduz a uma nova manifestação da mulher no campo do pensamento.

Em França e na Italia (muito embryonarios são os conhecimentos de quem escreve, em relação á literatura espanhola e portugueza, para afirmar algo semelhante ácerca destas duas linguas) a expressão mais viva é o floril de um numero inculcavel de poetisas que fazem pensar com muita seriedade. Outros terão oportunidade de falar desta magnifica manifestação feminil do espirito francez, que, pela segunda vez, por exemplo, leva a consignar-se a uma senhora o premio De Goncourt: aqui limitar-me-ei a indicar o phenomeno no que respeita á Italia, persuadido de que o florescer de tantas poetisas, algumas das quaes de valor absolutamente excepcional, não corresponde a uma fortuita coincidência, mas representa a expressão de uma grande verdade: o abrir-se de uma nova e grande primavera para a alma feminil.

Nós, criadores do direito, persuadidos não somente da nossa supremacia physica, mas tambem da intellectual (Chamford disse ferozmente que: «au fond de la plus jolie et de la plus intellectuelle des femme il y a toujours une femetise singe!»)—podemos vér com maus olhos esse movimento. O kaiser poderá enviar as mulheres á casa, á cozinha e ás crianças, sir Ramsay poderá proclamar que todo o feminismo está reduzido a uma pobreza de maridos no mercado internacional, algum francez brutal poderá chegar aos conselhos pratico-eroticos para reduzir os perigos do feminismo, —mas para além do nosso grande scepticismo cruel, permanece este grande phenomeno: que a mulher, após um lethargo de seculos, despertou, pedindo uma melhor situação ao sol que para todos nasce, exigindo que se feche a época em que ella era simplesmente uma gentil boneca para o prazer masculino.

E a alma da mulher nos momentos de revolta faz como a alma das nações: canta. Se tivéssemos duvidas sobre a intima sinceridade do movimento feminino, ellas deveriam cahir ante este magnifico phenomeno do refforescer da poesia feminil, um refforescer como difficilmente é dado observar em toda a historia das literaturas neo-latinas, um refforescer que é de facto um alto signal dos tempos e um symbolo de todo o despertar da alma feminina.

Detenhamo-nos por um pouco nesse phenomeno, qual elle se apresenta na Italia, mesmo porque aqui, hoje, elle se nos mostra com os caracteres mais salientes, com uma intensidade que por certo não encontrou nem mesmo em França.

Já se não enumeram as poetisas maiores e menores, em Italia,

A maior e mais verdadeira, se não tambem a mais conhecida, é uma joven, aristocratica figura, cujo nome seria hoje celebre em todo o mundo, se ella tivesse a fortuna de escrever em francez em vez de italiano: Amalia Guglielminetti é a verdadeira grande poetisa italiana hoje, ainda que a critica facil encontre na sua figura moral uma filiação directa de Gabriele d'Annunzio.

Começara, ha poucos annos, com um voluminho de versos delicados, perfumados, com um voluminho de pensamento magnifica, que maravilham os criticos e tiveram immediatamente a fortuna de versões parciaes em algumas linguas estrangeiras. O livro de

versos parecia o de uma virgem desejosa de vida e de alegria, mas de um espirito mysterioso, cruel, e o título — «As virgens loucas» — por si mesmo vinha a ser uma indicação.

Depois, a breve trecho, outros dois volumes de versos, o melhor dos quaes, e o que accusa o caracter de uma absoluta personalidade, bem determinada, personalidade psychica e personalidade artistica, é o volume intitulado — «Seduções» — que inutilmente o meu espirito tenta comparar as outras obras em francez ou em outras linguas faladas.

Eis o quadro de sua alma, a figura moral da poetisa:

«Colei che ha gli occhi aperti ad ogni luce
e comprende ogni grazia di parola
vive de tutto ciò che la seduce.

Io vado attento perché vado sola
e il mio sogno che sa goder di tutto
se sono triste un poco mi consola».

E ha versos seus que qualquer grande poeta poderia firmar, como seja «Um engano»:

«Poi ch'io concessi un'ora alle tue braccia
l'illusione di serrarmi interi,
non gioirne. Dell'ora menzognera
il molle riso dal ricordo scaccia.

Io non vidi il pallor della tua faccia,
un altro volto dentro gli occhi m'era,
diceva un'altra voce la preghiera
lunga in cui par che l'anima si sfaccia.

Non eri tu ma altro era: il lontano;
io sentii nella tua bocca i tuoi baci,
le sue carezze dentro la tua mano.

Io soffersi fremendo un muto affanno,
ma tu, fiso nei miei occhi mendaci,
gioisti senza sospettar l'inganno.

Outra poetisa de real valor é Cezarina Hossi, cuja alma se vasa numa poesia de delicadezas e de mysterio, entretecida de uma dignificante humidade e de uma alta revolta contra o destino traçado á alma feminina: versos em que a communhão de dores com tantas irmans não se traduz nunca em negação da personalidade do artista.

Quem, por exemplo, leu estes versos que synthetizam a condemnação de tantas mulheres, sente a grandeza desta poesia:

«Nessuno sappia quel che tu fai,
che pane mangi, come tu vivi,

Le tue fatiche come trastulli,
I tuoi trastulli come fatiche,

La tua passione chiusa irritabile
per l'attrazione per l'artificio...»

E passam todos os sentimentos de uma nobre alma perdida em uma cidade de provincia, onde assim poucos poderão penetrar o arcano de nobreza que ha na bella alma. E nos versos parece que lemos a fatalidade de tantas mulheres nascidas para outra vida, para outra expressão e condemnadas á mediocridade de toda a vida mesmo quando nenhuma caracteristica de mediocridade possui o espirito.

Além de Cesarina Rossi, uma outra poetisa cuja fama, ha tempos, transpoz os confines da patria: Ada Negri. Uma alma plangente que em si accumulou todas as dores da mulher. Professora, primeiro em um recanto da Lombardia; depois, mãe, ella permanece a alma dolorida que sente as penas alheias quando as proprias já não têm razão de ser na abundância alcançada na felicidade de uma filha.

Os seus ultimos versos «Esilio» são a continuação desta dor que é a de todas as almas feminis ante a realidade triste em contraste com as tendencias do espirito.

Negri permanece a continuadora do espirito de Leopardi de Aniel nas literaturas neo-latinas, uma continuadora modesta, talvez, na forma, mas profunda, mas tal como muitas almas a entendem.

E, ao lado dessa, uma outra poetisa, joven, Alda Rizzi, que em «Oscurodramma» synthetisa a situação de tantas modestas criaturas obrigadas a arrastar uma vida que não está na natureza della. Poetisa verdadeira e real, de forma fluida, de significação pessoal sempre cheia de nobreza estrutural, de verdadeira poesia, de uma profunda doçura e de uma grande dignidade. E' preciso ler, para ter uma idéa clara da sua forma, aquella breve poesia — «La gara» — que, se fosse escrita em latim, diriamos argamassada de Catullo e Tibullo, para comprehender como, sob a modestia da forma, se occulta uma verdadeira poetisa.

Primavera feminil, portanto. A mulher se agita: ao lado do ullular pouco elegante das «suffragetes», ao lado do bestialismo destruidor da Galeria Nacional que irrita todos os espiritos — ha um refforescer de almas nobres de mulheres; refforescer que as torna pensadoras. A mulher se transforma: nós a constrangemos de boa fé ao regimen que a tradição impoz, mas é bem certo que o seu espirito e a sua personalidade vão mudando. Ouçamos esta voz e preparamo-nos para dar-lhes inteira a liberdade que ella reclama. Talvez seja ainda uma illusão esta liberdade, mas, certo, a sua alma está preparada e os tempos — maduros.»

Façamos votos para que a primavera feminil, que tão virente se annuncia na Europa, não tarde em revelar-se no Brasil, onde o espirito feminino, até hoje, vive enclausurado e ignorado.

Mãe

Meu amigo — Escreve-lhe na maior das angustias. As mãos ardem-me de febre. Preciso de si, da sua amizade, do seu conselho. Escute-me, ampare-me, valha-me. As minhas suspeitas confirmaram-se. Tudo quanto eu lhe disse ha dias, na nossa partida de poker, — é verdade. Soube-o ante-hontem, — e com que dor, com que revolta, com que desespero, meu Deus! Não. Eu nunca me enganei. Já o esperava. Creio que lh'o disse algumas vezes a si. Tive o presentimento do que havia de succeder, no proprio dia em que meu filho se casou. Meu pobre filho! Tão moço, tão gentil, tão cheio de bondade, de generosidade, de nobreza! Semelhante criatura: era lá mulher para elle! Podia lá amal-o, respeit-o, comprehend-o! Ah, meu amigo! As mulheres podem não conhecer os homens; mas conhecem-se bem umas ás outras. Não imagine que é a sogra que fala, com os pequeninos despeitos, com os pequeninos ciumes de todas as mães. Não. Eu antipathizo com essa criatura desde o primeiro dia que a vi, em Londres, ha dois annos. Ainda nem sequer sonhava que ella havia de vir a ser a mulher do meu filho, já ella me parecia excreval, com os seus dentinhos ralos de mentirosa, a sua méche e la Goya, os seus vestidos de *tennis* pelo joelho, todo o ser ar *parvenu* de brasileirainha cosmopolita, feita no sertão e nascida no cabine dum transatlantico. Nem educação, nem nascimento, nem familia, nem delicadeza de instincto nem sequer essa vulgar aristocracia de pelle — que, nas mulheres que se prezam, se chama dignidade. Meu filho fez a sua mulher legitima. Foi um desvario dos vinte annos. Como podia eu oppôr-me, — se elle me cobriu de beijos e de lagrimas quando lhe pedi pela primeira vez que não casasse! Você hem sabe como eu eduquei aquelle filho, sem pae nos quatro annos, com o mesmo tipo loiro de doente, com os mesmos caprichos, com a mesma sensibilidade feminina da mãe, — como eu formei, como eu criei, amorosamente, beijo a beijo, caricia a caricia, tudo quanto ha na sua alma de nobre, de termo, de delicado,

de digno. Lembra-se do *Cruel Enigma*, de Bourget? Quantas vezes tenho pensado, desde hontem, nessas paginas terriveis! Meu pobre, meu querido filho! Por que havia ella de o enganar assim? Onde encontrou ella mais belleza, mais intelligencia, mais fidalguia, mais mocidade? Oh, se você soubesse tudo! Se eu lhe contasse tudo! E com quem! Com quem! Minha pobre cabeça, meus pobres nervos, minhas pobres mãos que escaldam! Como eu tenho, como eu posso ter ainda serenidade para pensar, para reflectir, para decidir, — com o espirito doente, com a alma quebrada, com a vida do meu filho desfeita, com um susto que me opprime, que me mata, que me faz estremecer a cada ruido, a cada passo, a cada porta que se fecha, a cada campainha que toca! E preciso, meu amigo. E' preciso que você venha aqui, que me fale, que me aconselhe. Venha tomar chá commigo, esta tarde. E' agora que os meus cabelos vão embranquecer, verá. Como a velhice deve parecer-se com o soffrimento! Quero apertar as suas mãos, ouvir a sua voz. Venha. Meu filho nada sabe. Ignora tudo. E' feliz, horrivelmente feliz ainda. Continua a adoral-a, a beijal-a, a viver numa ignorancia que é uma affronta. Que devo eu fazer? Que deve fazer uma pobre mãe, como eu, que não pede, que nunca pediu a Deus senão que faça feliz o seu filho? Deixal-o na illusão, na mentira, — sujeito aos acasos duma denuncia, duma surpresa, duma violencia? Acordal-o para a verdade, para o soffrimento, para a dor. — eu, que daria a minha vida toda, todo o meu sangue, toda a minha alma por um sorriso só do meu filho! Qual é o meu dever de mãe? Aconselhar minha nora? Já o tentei. Respondeu-me com orgulho e com insolencia. Dizer-lhe tudo a elle? E' capaz de matar-se, ou de a matar. Deixal-o viver na ignorancia, na vergonha, no ridiculo, — ao meu filho, que ensinei a ser tão digno, tão honesto, tão nobre? Mas isso é a ultima das infamias, é tornar-me cúmplice de essa mulher, é transigir, é aviltar-me. E debato-me nesta angustia, neste inferno, — sem saber o que pense, sem saber o que diga, sem saber o que faça. Venha. Preciso duma mão amiga ao pé de mim. Preciso do seu bom senso, do seu affecto, do seu conselho. Venha ás quatro. Sabe? Chegou hontem de Pariz o meu vestido novo, *tête-de-negre*, grandes botões de prata, Redfern. Talvez o não chegue a pôr. Sei lá o que será o meu dia de amanha!

Sua pobre amiga, *Maria do Carmo*.

JULIO DANTAS.

Participação de casamento

O Snr. Ulysses Siqueira, residente em Guaxupé teve a gentileza de participar-nos seu casamento com a Senhorita Aurea Cardoso Siqueira, realizado n'aquella cidade em 6 de maio proximo passado. Parabens.

Livros recebidos

Manual da Dona-de-Casa

E este o título de um livro que sobre economia domestica acaba de publicar o Snr: Bento Jordão de Souza. E' um volume de 300 paginas com optimos capitulos sobre economia do lar, regime alimentar, hygiene do corpo etc, e grande copia de receitas de forno e fogão, liciores etc. Ao seo autor agradecemos o exemplar que nos effertou

Congresso Americano da Creação

Do Comité Nacional Brasileiro e por intermedio de seu organisador, Dr. Moncorvo Filho, recebemos o 2.º boletim deste interessante Congresso a realizar-se em Julho proximo na cidade de Buenos Ayres em comemoração do 1.º Centenario da Independencia Argentina. A representação brasileira conta já muitos dos nossos mais eminentes homens de Ciencia.

A estrela amorosa

O lindo e mimoso trecho que damos a seguir é de Magalhães de Azeredo, membro da Academia Brasileira de Letras e nosso Ministro junto ao Vaticano. Pelo seu estilo simples bem cuidado e mimoso, e pela delicadeza dos seus quadros, é um escriptor que seduz os almas femininas. A phantasia — A estrela amorosa — é de um simbolismo nipo e sob a apparencia de uma lenda apresenta-nos uma pagina de vida real de cruel frequencia...

Era uma estrella das mais formosas, que tinha o habito de olhar, debruçada de seu balcão de onix, para a terra longinqua. As suas companheiras brincando, e sem saber o que ella encontraria tão attraente naquella orbe pequeno e desdenhavel, sollicitas lhe recommendavam: Cuidado! que a vertigem da altura te não aturda, e precipite no espaço! Ella, calada, mas sorrindo muito suavemente, olhava, olhava noites inteiras. E' que a prendia um ponto fixo e brilhante — uma luzinha no cimo de uma montanha.

Ahi residia um jovem pastor solitario, que entre tantas myriades de estrellas, discernia essa Estrella mais bella, e a namorava. Namorando-a, cantava coisas embriagadoras, que pelo ar, de envolta com o incenso das flores sylvestres, subia até a estrella adorada. Ella scismava, scismava, apaixonada tambem cheia de desejos vagos e vagas tristezas. Até que uma noite não pôde mais resistir aos impulsos do coração; sem medir o perigo a que se expunha, sómente cerrando as palpebras para não ver o abysmo, arrojou-se do céu á terra, e pousou, ao amanhecer, no cimo da montanha.

O pastor que mirava o firmamento, e estremeceu de pavor ao vê-la despenhar-se ficou mudo de espanto e jubilo, quando a sentiu que, ao pé d'elle, lhe cingia os hombros com os seus braços nus. Embora o fulgor da sua aureola o ofuscasse, reconheceu que tinha ante si uma angelica mulher cuja perfeição nunca sonhara. E de joelhos junto d'ella, beijando-lhe as plantas e regando-lhas de lagrimas, confessava-se indigno de tanto amor e tal sacrificio, lastimava não ser um rei poderoso e rico, não possuir um palacio para lhe offerecer em vez d'aquella pobrissima cabana. De então avante a Estrella viveu com elle, e nunca teve saudades do céu. Por muitos annos o pastor só nella pensou, para ella só existiu.

Mas com o tempo, começou a entediá-lo a monotonia da propria dedicação.

A bondade excessiva da Estrella o estragava e corrompera. Em certas horas elle poucoissimo lhe falava, e isso mesmo com palavras secas e aborrecidas.

Por vezes até preferia as caricias noturnas d'ella a uma vagabundagem extranha pelos bosques visinhos.

A estrella soffria em silencio. Ultimamente, chegou elle a assentar-se por longos dias. Quando tornou, como estivesse mais qua nunca áspero e maligno, a Estrella ousou perguntar-lhe em que mecerera o desagrado de seu esposo e senhor. Elle colhendo o primeiro pretexto que lhe surgiu na phantasia, respondeu duramente que se sentia humilhado de continuo pela aureola astral que a Estrella trazia sempre fixa na frente, e lhe doia ter a frente sem treguas aquelle signal de uma natureza superior á sua. A Estrella nada disse; mas na manhã seguinte, sahido elle despojou-se da aureola, atirou-a ás ondas do mar, e esperou, confiada e alegre a sua volta... Elle entrou, e ao encontrá-la assim, ferido a fundo na sua vaidade — já não tinha por amante uma Princesa do Céu — entregou-se aos transportes de um furor selvagem. "Não comprehendeste, malaventurada, que eu disse aquillo por graco? Que és tu agora? Uma mulher como as outras!"

Ah! perdida! perdida!... D'ahi por diante, tornou-se cada vez mais grosseiro e brutal; raramente apparecia na cabana; passava o tempo a caçar, e — horrível coisa! a trahir a pobre Estrella, em ligações vulgares. Se ella,

timidamente, soluçando se queixava da ingratitude, e tentava attrahir-o á sua belleza como outr'ora, o pastor infame, a maltratava, até lhe batia.

Porfim, extenuou-se-lhe a coragem para levar mais longe aquella existencia de amargura e ignominia. Uma noite, em que o pastor profundamente dormia, ella abriu as azas e voltou ao céu. Lá, as suas amigas de outr'ora, lembradas de que essa fóra desde o principio dos seculos, a melhor das Estrellas, a acolheram ternamente, buscando confortá-la. Mas ella, sempre, sempre angustiada, não achando paz em parte alguma, desde então vaga, sem luz, a chorar, a chorar, pela immensidade do firmamento. São as suas lagrimas que cahindo-se arredondam sobre as pétalas das flores, como diamantes ephemeros...

Esta é a historia de uma Estrella que se sacrificou por um Homem.

Magalhães de Azeredo

(Revista Feminina de S. Paulo) (Da Academia Brasileira de Lettas)

Novos colaboradores

Mais um nome brilhante vem hoje enriquecer nosso corpo de colaboradores que sem vangloria podemos dizer, é o mais selecto de quantos constituem os summarios das revistas brasileiras. Os maiores nomes litterarios do Brasil têm honrado com suas produções nossas modestas paginas, dando-lhes realce e brilho e concorrendo generosamente para o triumpho completo da missão que nos impusemos e entre elles destacam-se os de Coelho Netto, Olavo Bilac, Julia Lopes de Almeida, Garcia Redondo, Felinto de Almeida, Felix Pacheco, Afonso Arinos, da Academia Brasileira, Claudio de Souza, Presciliana Duarte de Almeida, J. J. Carvalho, Amadeu Amaral, da Academia Paulista de Letras, Julio Cesar da Silva, Chrysantheme, Anna Rita Malheiros, Adelina Vieira, René Thiollier, João Luso, Oscar Lopes, da Sociedade de Homens de Letras e muitos outros.

Apresentamos hoje e com immenso prazer ás nossas leitoras o nosso novo colaborador Dr. Gomes dos Santos, um dos mais fulgurantes espiritos do nosso jornalismo, cujo estilo terso e ao mesmo tempo fluente e apimorado, veste ideas sempre novas, de um imprévisto que seduz e que apaxona. Terão as leitoras, que ainda não conhecem tão formoso espirito, lida amostra de seus meritos na delicada producção com que elle inicia neste numero sua preciosa collaboração.

— Transmittimos á nossa illustre collaboradora D. Julia Lopes de Almeida os cumprimentos que por nosso intermedio lhe enviam muitas de nossas leitoras, que acompanham com interesse a primorosa serie de cartas com que tem abrilhantado nossa Revista. As saudações entusiastas que ora lhe transmittimos pedimos permisso para juntar os nossos pehorados agradecimentos pelo carinho que a illustre escriptora tem tido pela nossa tentativa, que felizmente vai vencendo galhardamente e graças ao desinteressado concurso de tão notaveis colaboradores, todos os innumeros e não poucos obstaculos que em nosso Paiz se oppoem á qualquer iniciativa feminina.

RECEITA UTIL

PARA MÃOS SUADAS.

Muitas pessoas soffrem de suores abundantes nas mãos. A receita seguinte é muito boa:

Agua de colbana	150 grs.
Agua de cebola	150 grs.
Tânino	0 grs. 25.

Lava-se primeiro a mão na agua fria e depois esfrega-se com essa loção e passa-se pó de arroz hordeado na proporção de 10 grs. de acido borico para 100 de pó de arroz.

Carta a uma desilludida

(A mme. X, posta restante)

(Para a Revista Feminina)

Pergunta-me v. ex.ª, minha senhora, se a philosophia é cousa que melhore a vida e diz-se disposta a actuar-se de systemas, uns mais metaphysicos e absurdos que outros, caso eu lhe garanta o exito therapeutico do hegelianismo, do kantismo, ou doutra doutrina de nome assim aspero e barbaro.

Examinemos, primeiro que tudo, o seu caso.

V. Ex.ª tem vinte e oito annos, uma excellente educação litteraria e uns anceios intellectuaes que a levam a consagrar ao estudo o tempo que as outras senhoras do seu meio dedicam a apreciar, com incontestavel capacidade critica, as vidas alheias. Não sonhou jamais com as glorias da publicidade, nem pretendeu enfileirar-se agitando uma idea e um guarda-sol, na enorme e moderna legião das mulheres auctoras. Confessa V. Ex.ª que ainda não encontrou nenhuma que não fosse feia; e, suppondo que atraz de cada talento feminino devem estar sempre uma cabeça desgrenhada de Medusa e um bom par de oculos, não quiz sacrificar a ephemera belleza, que aos vinte oito annos possui toda a mulher, ás preocupações duma possível candidatura academica.

Assim, v. ex.ª não escreve livros, nem mesmo pensou ainda em destinar um artigo ponderado a essa consideravel Revista das Revindicações e das Modas Femininas, cujo prospecto vai ser lançado entre nós. O seu intellectualismo aspirava somente a fazer uma vida *bien personelle*, a crear um ambiente artistico onde, com delicia, pudesse mergulhar o seu organismo vibratil e apaixonado. Ama os livros, a musica, as *maquettes* estylizadas, os pequenos Watteau que contam, na gracilidade das suas tintas muito esbaltadas, idyllons rusticos, reatando um verde esmeraldino e suave. E com a mesma intensidade abomina o Vulgar, o Banal, o Inexperiente... O seu sonho, em summa, é o producto dum fino gosto artistico, servido por uma imaginação larga e por um criterio muito subtil.

V. ex.ª, como toda a moça que vem a este mundo, casou, — e datam desse dia funesto, ao que me affirmar, todas as suas desventuras. Não se tornou o acaso, sempre ironico, com um companheiro, não direi já que a comprehendesse — quem pode comprehender um espirito de mulher? — mas que soubesse, ao menos, respeitar a sua incontestavel superioridade. Em quanto v. ex.ª estremece e palpita angustiadamente com as vibrações do violino, esse instrumento perfeito que é o que mais se aproxima da voz humana, e sente, nos *maestros* ou nos *viaces*, a alma seguir, desvaivada e perdida, a linha ondulante dos sustenidos, — o seu marido tem uma de-



Dr. Gomes dos Santos

ploravel paixão pelo clarinete e pelas partituras de rua, que andam postas em assobio por toda a moléçagem do seu bairro. Emquanto v. ex.ª tomba mollemente, nos confortos da *chaise-longue*, sobre sedas preciosas, lê Balzac e Bourget, esses dois analystas do coração, esforçando-se por penetrar as leis que elles deduzem da sua perturbadora psychologia experimental, — o seu marido, em pantufas e de barretinho que o preservam das constipações, devora o seu *Nick Carter* *pull-cie amador* com uma curiosidade peculiar, ou narra-lhe, numa prosa ruim, intermitente e arrastada, os successos do noticiario, commentados com um criterio de cosinheira.

Esta profunda desigualdade de tendencias, de habitos, de educação, é, minha senhora, um flagello normal nos *ménages* constituídos sob o patronato das conveniencias, ou do interesse, ou mesmo da inexperencia. Em regra, o homem é mais vezes victima da desproporção do que a mulher. A quasi excepção do seu caso torna a situação infinitamente mais lamentavel, pois que, se a existencia do homem é absorvida por uma grande complexidade de occupações, que lhe desviam a attenção do problema conjugal por outros assumptos susceptiveis de interessar o seu cerebro e de utilizar a sua actividade, a existencia da mulher é limitada por um certo numero de habitos, de tradições e de costumes, todos pesados como uma ferropia escravizadora. V. ex.ª comprehendendo-o tão bem que, remedio herico, sollicita que lhe indiquem linimentos, emolientes, cousas que lhe fundam, não a resistencia, mas a resignação.

A philosophia parece-lhe um destes linimentos, uma therapeutica que talvez valha a pena ensaiar. E' possivel que uma pagina de Spinoza, philosopho tuberculoso e despeitado, tenha a equivalencia duma capsula de brometo para a submissão dos seus nervos muito feridos e que um aphorismo de Schopenhauer, o pessimista do amor e do casamento, lhe inspire a tranquillisa resignação que o seu caso faz mister. Como uma doente incuravel, que experimenta todos os especificos, assim v. ex.ª percorre as phar-

macias da alma a procura dum frasco que tenha este rotulo: *Conformidade*.

Não creio que v. ex.ª o encontre na aliaz bem sortida botica das Ideias. A philosophia que ensinam os livros, minha senhora, é uma sciencia tão vazia como os espaços interestellares. Della extraiam-se, com facilidade, systemas, doutrinas, cousas vagas e abstractas, puras especulações com o sobre-intelligivel. O que de lá não se saca, porém, é uma regra de vida, um rumo de moral. O espirito pode encontrar, em certos principios, um subtil perfume de consolidação; mas v. ex.ª não é apenas espirito, e este, quanto mais desirmanado da materia grosseira, menos dominio exerce sobre ella. E' muito precario, nas almas combalidas, o effeito da oração philosophica, quando a consoladora construção dum syllogismo está sujeita a ser desagradavelmente interrompida pelo maxixe, — furiosamente tocado em clarinete!

O que v. ex.ª tem a fazer, minha senhora, é sujeitar-se ao inevitavel desdobraimento da sua personalidade. Seja *uma mulher como as outras* para as grosseiras materialidades da vida domestica; e seja para si, para a sua consciencia, para o seu eu espirital, o incançavel operario da Belleza, da Arte das cousas grandes que a sua grande alma já adquiriu e que para o vulgo permanecem mysteriosas e desconhecidas. Isole-se; e não se entristeca com a idea de que o seu formoso espirito terá passado na terra,

levado nas azas de uma existencia fu-so planeta. E', numa palavra, a algema a que v. ex.ª deu os pulsos listrados de azuleiras arterias, — a algema que fez dos seus levantados sonhos um farrapo molle e da sua vida um verdadeiro inferno.

Eu creio na justiça, o que me obriga a admitir sem hesitações a idea duma sobrevivencia espirital. Cuido que á entrada da immortalidade se este termo localizador é applicavel ao espaço infinito que os espiritos peritustram, — estará uma forca divisora das multidões seleccionando-as, não pelas fortunas ou pelas honras, — palavras sem significação no outro mundo, — mas pela amplitude com que na terra rastream os vestigios da Perfeição. Ou então imagine, nos Campos Elyseos, — não naquelles que ficam allí para os lados do oeste da cidade, — a existencia duma lei de physica moral, que agregue e combine os espiritos, segundo as suas affinidades e o seu grau de desenvolvimento. O que me faz acreditar nessa justiça futura é a injustiça distributiva actual; é a volumosa barriga do commerciante meu visinho, que chegou ás culminancias sociaes da riqueza com o funcionamento duma unica célula cerebral, aquella onde borbulham os segredos da falsificação dos generos; é, no passado, Luiz de Camões morrendo de fome numa albergaria de tinhosos, enquanto na nossa costa alguns abrutados fidalgos distillavam ouro do sangue dos indios; é, no presente, o genio mendigando a corda das humilhações tragicas aos transeuntes ventrifomes, que suam milhões fraudulentamente sonogados á tarefa de embellezar o nos-

so planeta. E', numa palavra, a algema a que v. ex.ª deu os pulsos listrados de azuleiras arterias, — a algema que fez dos seus levantados sonhos um farrapo molle e da sua vida um verdadeiro inferno.

A philosophia não a cura. A philosophia é, na vida, o mesmo que na culinaria a arte de aproveitar os restos. Uma condiz ás grandes desillusões, como a outra condiz ás grandes indigestões.

Esperem com tranquillidade o momento em que a desagregação das forças vitæes dá apparencias de morte ao que é, incontestavelmente, o inicio da verdadeira e unica vida que vale a pena ser vivida. E se v. ex.ª não estivesse tão distanciada intellectualmente, deste obscuro commentador de episodios, — o que, segundo a lei super-enunciada, impede uma combinação futura por affinidades, nos intermúdios aforados aos puros espiritos, — convocá-la-hia desde já, para uma troca de impressões desdenhosas acerca deste triste satellite, que havemos de abandonar, deixando nelle as philosophias absurdas, as injustiças clamorosas, as mesquinhas vaidades, as grosserias da materia, os clarnetes estupidos, — todas as miserias em summa, que espalham a flux, nas almas excessivamente intellectualizadas como a sua, o fazio de viver.

GOMES DOS SANTOS.

E sorria ainda aquella lembrança do borraçhão, dirijindo-se lentamente para o café de Paumelle, cujos vidros illuminados brilhavam; lá puxado por Mathurin e empurrado pelo vento, incapaz de resistir aquellas duas forças.

A sala baixa achava-se cheia de gente, de fumo e de gritos. Todos aquelles homens, vestidos de lá, de cotovelos assentes nas mezas, vociferavam para se fazerem ouvir. Quantos mais bebedores entravam, mais era preciso berrar entre o arruido das vozes e do bater dos dominós no marmore, o que aumentava ainda mais a inferneira. Jeremias e Mathurin foram sentar-se a um canto, começaram uma partida, e os callos desappareciam uns após outros, na profundidade de suas queilas. Depois jogaram mais partidas e beberam mais callos. Mathurin continuava a despejar, e a piscar o olho ao patrio, um homem gordo, vermelho como brasa, e que ria pateticamente como se se tivesse despenhado uma comprida farca; e Jeremias ingeria o alcool, baloiçava a cabeça, soltava gargalhadas que mais pareciam rugidos, olhando o seu compadre com ar estúpido e contente.

Todos os freguezes sahiam. E, de cada vez que um delles, abria a porta da rua para se ir, uma rajada de vento entrava no café, fazendo redemoinhar o pesado fumo dos cachimbos, baloiçando as candelas no extremo dos seus ganchos e fazendo vacillar as suas chamas; e ouvia-se derrepente o choro profundo de uma vaga derrubando-se e o mugir da borrasca. Jeremias, a camisa entreberta no peito, tomava posições de bebado, de perna estendida, um braço pendente; e na outra mão segurava os dominós. Por fim, ficaram sós com o patrio, que se aproximára, cheio de interesse.

Perguntou: — Bem, ó Jeremias, como vai este interior? Já te refocicasta á força de te regares? E Jeremias tartamudeou: — Uma vez que ella ainda corre é porque ainda está secco cá por dentro.

O dono do café olhava para Mathurin com ar sinistro. Disse: — E o teu irmão, Mathurin, onde estará elle a esta hora? O maritimo teve um riso mudo. — Está no quento, não te dá cuidado. E ambos olharam para Jeremias, que pousava triumphalmente o dobo acima annunciando: — Aquí está o syndico.

Quando acabaram a partida, o patrio declarou: — Sabem que mais meus rapazes! Vou até vadio de lençoas. Deixo-lhes uma candelá e mais uma medida. Fica-lhos bastante com que se entreterem. Tu, depois, fecharás a porta por fóra, Mathurin e metterás a chave por debaixo da porta como na noite passada.

— Vai descansado. Esta entendido.

Paumelle apertou a mão aos seus dois freguezes arredios: subiu pesadamente a escada de pau. Durante alguns minutos, os seus pesados passos resoaram na pequena casa; e depois, um pesado estalido revelou que elle acabava de metter-se no leito.

Os dois homens continuaram a jogar; de tempos a tempos, um impeto mais raivoso do furacão acudia á porta, fazia tremar as paredes, e os dois bebedores levantavam a cabeça, como se algem fosse a entrar. Depois, Mathurin pegava no litro e enchia o copo de Jeremias. Mas de repente, o relógio, pendurado por cima do balcão, deu meia noite.

O seu timbre roufento lembrava um choque de esgarolas, e as pancadas vibravam por muito tempo, com uma ressonancia de ferragem.

Mathurin, de repente levantou-se, como um marilheiro que houvesse terminado o seu quarto:

— Vamos embora, ó Jeremias, é preciso descansarmos.

O outro poz-se em movimento com mais custo, levou o seu apurmo apoiando-se á mesa, depois ganiu a porta, que abriu, enquanto o seu compadre apagava a candelá.

Quando se acharam na rua, Mathurin fechou o estabelecimento; depois disse: — Agora boa noite, até amanhã. E desapareceu na escuridão.

II

Jeremias deu tres passos, depois oscillou, estendeu os braços, encontrou uma parede que o susteve de pé e tornou a por-se em marcha cambaleando. Por momentos, uma refega acompanhada de chuva, invadindo pela estreita rua, atirava-o para a frente, fazendo-o correr alguns passos; depois, quando a violencia da tromba cessava, o bebado estava de prompto, perdido o impulso, e continuava a vacillar nas suas pernas caprichosas de borraçhão.

Por instincto, para sua casa, como os passaros vão para o ninho. Emfim, reconheceu a sua porta e poz-se a tactear para descobri-la fechadura e metter o chave. Mas não atinava com o buraco e praguejava a meia voz. Então poz-se a bater a grandes punhadas, chamando a mulher para que viesse abrir.

— Melina! Eh! Melina!

Como se apalhasse contra o batente para não cair, este cedeu, a porta abriu-se, e Jeremias, perdendo o apoio, entrou em casa, sentindo que qualquer coisa pesada lhe passava por cima do corpo, fujindo em seguida no meio da escuridão. Jeremias não buliu, cheio de medo, como louco, no espavorido de homem que viu o diabo, e a cuja cabeça vinham todas as coisas mysteriosas das trevas. Esteve muito tempo sem fazer o minimo movimento. Mas, como viasse que nada bulia, voltou-lhe um pouco de lucidez, na lucidez perturbada dos bebados.

Assentou-se, muito vagorosamente. Esperou ainda bastante tempo, e desentorpeçoando-se afinal, bradou:

— Melina!

A mulher não respondeu. Então, de repente uma duvida lhe atravessou o cerebro obscurecido, uma duvida indecisa, uma vaga suspensa. Continuava sem bulir, sentado por terra, na escuridão, procurando concen-tuar ideas, agarrando-se a referencias incompletas e vacillantes como os seus pés.

Bradou de novo:

— Olha cá, o que era aquillo, ó Melina? Dize-me o que era aquillo. Não te faço illa.

Esperou. Nenhuma voz se elevou na sombra. Raciocinava alto, agora.

— Estou bebado; foi elle, p'ra que eu não desse com a casa. Estou bebado!

E continuava:

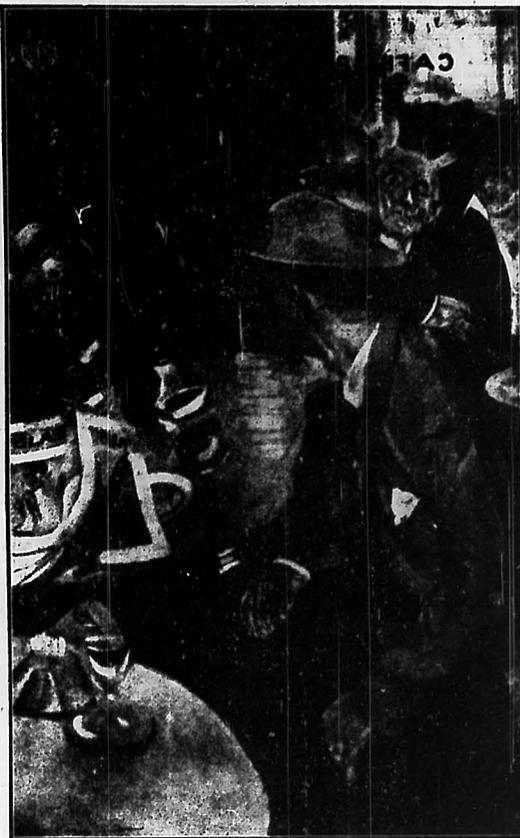
— Olha cá! o que era aquillo, ó Melina, ou me dizes ou desgraço-me.

Depois de ter tornado a escutar, continuava, com uma logica lenta e obstinada de homem embriagado: — Foi elle que me reteve em casa d'aquelle malandro de Paumelle e os seus noites a mesma coisa, p'ra que eu não entrasse em casa. Elle é cumplice. Ah caninha!

Levantemente equilibrou-se nos joelhos. Ganhava uma cor lora suada, que se misturava á fermentação das bobidas.

E repetia:

— Dize-me o não o que foi aquillo ó Melina? Se não me dizes escangalho-te; olha que eu te avio!



A sala do café estava cheia de gente, de fumo, de gritos...

Achava-se agora de pé, tremendo. n'uma coltura fulminante, como se o alcool que tinha no corpo se lhe houvesse inflamado nas veias. Deu um passo, tropeçou n'uma cadeira, agarrou-a, caminhou para a frente, encontrou o litro, apalpou-o e sentiu dentro d'elle o corpo quente de sua mulher.

Então, suffocado de raiva, grunhiu: — Ah! estás aqui, patifa, estavas aqui e não me respondias. E levantando a cadeira que sustinha no seu punho robusto de maritimo, atirou-a para a frente em exasperada furia.

Um grito sahiu da cama; um grito louco, angustioso. Então elle poz-se a bater como um malhador n'uma granja. Dentro am pouco nada mexia allí:

A cadeira voara em pedacos; mas restava-lhe um pé da mesma, ainda, na mão, e elle continuava a bater, já arquejante.

Depois, de repente, parou para perguntar: — Não me dirás quem era que a uma hora d'estas?... Melina não respondeu.

Então, abafado de fadiga, embrutecido de violencia, tornou a assentar-se por terra, estendeu-se e deixou-se dormir.

Ao romper da manhã, um seu visinho, vendo a porta aberta, entrou. Viu Jeremias roncando no chão, onde jaziam dispersos os pedacos da cadeira, e, no seu leito, uma pasta enorme, uma massa disforme de carne e de sangue.

GUY DE MURPASSANT.

O ENIGMA DOLOROSO



Aquelle que ama não sente mais seu mal; não geme pela sua pena. Si soffre, quanto seu soffrer lhe é doce! Como um fogo devorador, que tem necessidade de incessantemente ser alimentado e que consome tudo que se lhe offerece, assim o amor se nutre, se exgota e se renova sem cessar pelo soffrimento, pelo sacrificio, pela immolação.

Nada lhe é custoso, tudo lhe é bom; elle não vê senão o objecto amado, não pensa senão nelle e a elle se dá sem reserva. Aquelle que ama é como arrebatado em uma corrida celer, em um vôo rapido. Seu coração vive no encantamento de uma embriaguez continua. O dom mais precioso que Deus offereceu ao homem foi sem duvida o dom de amar, que é ao mesmo tempo o mais perigoso e o mais mysterioso. De todas as necessidades que assediam o coração humano, nenhuma é mais elevada e nenhuma é mais impetiosa; mas o mysterio cerca e a angustia constrange essa irresistivel tendencia do coração. Não se ama sem soffrir. Na terra do exilio, um lugar secreto une a dôr á ternura e lança um veu de melancolia sobre todos os amores. Entretanto, apesar das lagrimas, das apprehensões, e dos estortegamentos inevitaveis da alma, ha na terra uma unica alegria, que é o amor.

Amar! amar verdadeiramente, amar sem remorsos e sem maldades, na paz da consciencia e sob o olhar de Deus! Ser amado! encontrar um coração amigo, ao qual se confiar nos dias tristes, um coração que pena com nossopenar, que chora com as nossas lagrimas, que sangra com as nossas chagas e que compartilha de nossas enfermidades, eis uma das fugitivas felicidades, um dos raros paraísos na terra! Oh, como as almas egoístas, como os corações insensíveis e duros são desgraçados! Apesar de sua calma apparente e de sua prosperidade ficticia, ellas não conhecem a alegria de viver, nem a dolorosa doçura de amar. E' verdade porém, que nenhuma faculdade da alma se illude mais facilmente e tão rapidamente pôde ser arrastada aos peores abyssos. Nós somos feitos de tal modo que o bello nos deslumbra, nos enthusiasma e nos captiva, mas na miseravel situação presente, muitas vezes ficamos expostos a deixar-nos seduzir e captivar por uma sombra passageira, por um pallido reflexo, pela contrafacção do unico verdadeiro bem. A belleza da creatura, belleza de um dia, longiqua imitação do bello absoluto, exerce sobre nossos olhos uma perigosa fascinação e faz-nos esquecer o bem supremo. E' em vão que ella nos promette a felicidade. O vazio, a decepção, as lagrimas, uma cruel ironia nos esperam. E sempre, no fundo da taça encantada dos prazeres, a ultima gotta do magico filtro é de revoltante amargor. Penetremos este duplo mysterio: nosso coração tem necessidade de amar, nasceu para o amor; elle sente que só no amor encontrará o repouso para sua perpetua anciedade: é um facto evidente, esta constatação decorre do estudo elementar do coração humano e entretanto nossa pobre alma não encontra no amor terreno, mesmo o mais legitimo, senão suspiros, lagrimas e desillusões. Qual é a chave do enigma? Qual a claridade que dissipará as trevas? E' que o unico amor perfeito é o amor de Deus. A's aspirações, aos impulsos do ser, aos tormentos infinitos da alma, um unico objectivo pôde contentar. Vós nos creastes para vós, Senhor, dizia Santo Agostinho e nosso coração vive na angustia enquanto em vós não repousa!

(Trad. para a Revista Feminina)

ABBE' POULIN



O MENU DE MEU MARIDO

DOIS PRATOS DE OYOS



Ovos, arroz e molho de tomates

Cortam-se as fatias de pão bem grossas e em cada uma dellas cava-se o centro, de modo a que caiba um ovo. Levam-se as fatias sem os ovos a torrar. Depois de torradas devem ser rapidamente immersas em agua quente sufficientemente salgada e collocada em seguida na cassarola. Despejam-se os ovos no centro das fatias e enfeitam-se.



Ovos, arroz e espinafre

Cosinha-se um pires de arroz e colloca-se no centro de uma travessa. Com as costas de uma colher alisa-se o arroz e fazem-se depois diversas depressões para nellas collocar os ovos. Quebram-se os ovos, um a um e despeja-se cada um numa depressão do arroz. Ao redor do arroz faz-se uma guarnição com espinafre cozido e temperado. Leva-se a travessa ao forno

FRANGO A LA REINE

Dois chicaras de frango moído.

Quatro champignons.

Dois gemmas de ovos.

Uma colher de manteiga.

Meia pimenta verde.

Uma chicara de creme.

Uma chicara de caldo de gallinha.

Tres colheres de farinha de trigo.

Meia colherinha de sal.

Uma colherinha de caldo de limão.



Mede-se o frango picado, corta-se os champignons e esmaga-se a pimenta.

Vasilhas para misturar o frango com o creme

Medidas de sal e farinha de trigo. A manteiga põe-se depois de medida numa cassarola a parte.

Separa-se as gemmas das claras, bate-se somente as gemmas e junta-se o caldo de limão.



Cosinha-se os champignons e a pimenta numa colher de manteiga até ficarem bem macios.

Derrrete-se uma colher de manteiga e tira-se do fogo. Junta-se de vagarinho a farinha de trigo, e vac se mexendo até que fique bem ligada.

Depois de bem ligada põe-se novamente ao fogo.

Quando estiver fervendo junta-se os champignons, a pimenta, o frango e, em ultimo lugar, as gemmas de ovo.

Serve-se quente com fatias de pão torrado.

CASA DOLIVÆS
(FUNDADA EM 1880)

J. AZEVEDO & C. proprietarios da CASA DOLIVÆS concessionarios das loterias do Estado de S. Paulo e sub-agentes das loterias Escleras continuam a concorrer-se de enviar aos cambistas do interior qualquer remessa de bilhetes destas ditas loterias. Tem sempre a venda loterias com grande antecedencia e attendem aos pedidos com a maxima promptidão. Os pedidos de fora devem ser dirigidos a AZEVEDO & COMP. - 10 - Rua Direita, 10 - Caixa, 26 - S. PAULO.

Pianos

Acção e concerta.
Autopianos - Harmonium
- Phonolistas - Pianolas
Vende emnos antigos em
segunda mão.

TELEPHONE 48-46

ESTEVA M LUCCHESI

Rua José Bonifacio, 29-B

PRÁTICO EM FABRICAS ALLEMÃS

Attestados das grandes pianis Guilmarmar Novaes e Antonietta Rudge Miller
- glorias mundias,

Como enfeitar minha casa



Figura 1

A nossa figura 1 representa um movel, já muitas vezes pintado e que tem um aspecto velho. Com uma solução forte de borax e com agua quente addicionada de potassa, tira-se todo o verniz velho. Depois de bem limpa a superficie da madeira passa-se sobre ella uma lixa fina. Passam-se em seguida duas camadas de esmalte branco, deixando secar a primeira, para passar a segunda e—á vontade—uma terceira camada de enamel, faz-se um pequeno motivo de pyrogravura ao centro das gavetas e com tão pequeno trabalho teremos um movel novo e elegante.

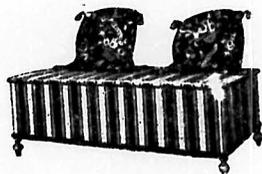


Figura 2

Com um caixão commum e com um pouco de panno pódeis fazer um lindo divan, que servirá ao mesmo tempo, para guardar qualquer cousa. Adaptam-se ao caixão quatro pés que se compram feitos em qualquer marcenaria. Cobre-se a tampa com algodão em rama e em seguida reveste-se todo o caixão com uma fazenda propria para moveis ou com um cretone discreto. Duas almofadas mais e está terminado vosso lindo e economico divan-armario que se vê na nossa figura 2.

As nossas gravuras representam, a de n. 3, uma má disposição de quadros e a de n. 4, a disposição correcta dos mesmos quadros.



Figura 3

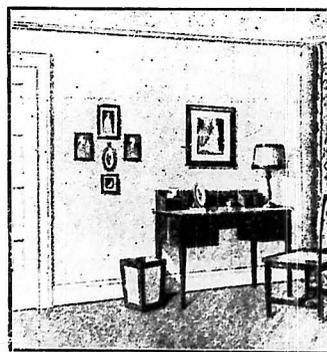


Figura 4

A SCIENCIA DOMESTICA



As nossas gravuras representam alguns aposentos internos, com decorações de gosto moderno, em que se procuram «estylisar» os modelos severos das escolas classicas.

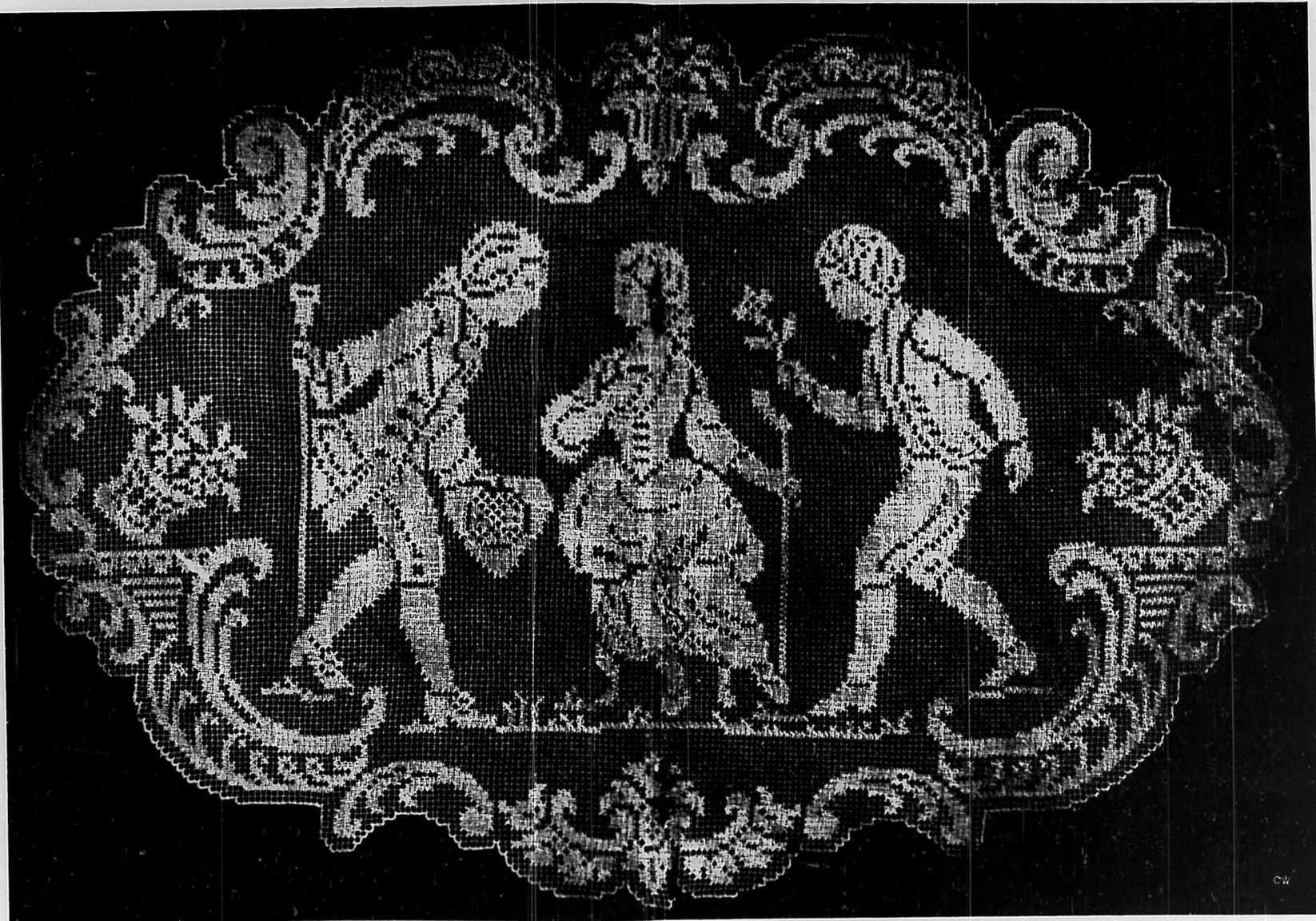
Nos pequenos salões a decoração das janellas é a que maior graça lhes dá.

Nas nossas gravuras 3 e 5 resalta o effeito das janellas largas, divididas em panneaux, que se prestam a maravilhas de drapejamento.

As flores e principalmente as floreiras são um lindo elemento de ornamentação.

Na nossa figura 3, toda ornamentação quasi que é feita com uma floreira e um jogo artistico de cortinas.





[Artístico e elegante espaldar para poltrona. Este rico desenho, estylo Directorio serve tambem para incrustação de toalha de mesa, store etc., e é feito a ponto de tear e para arrematar, ponto de festão.

A MODA

Na última de minhas desataviadas crônicas disse-lhes que as mulheres desarmam, às vezes, com uma única phrase aos mais reputados cavalheiros, como se deu com o meu tristonho e enmascarado Epiphânio, que não me tem apparecido ultimamente, porque um deluxo forte o reteu em casa, onde elle se occupa em escrever um poema, cujos versos é de esperar que sejam tão fluentes e tão abundantes quanto o deluxo do autor! Os versos *ditados* são destinados a mim, mas originarios como são de um resfriamento, só por um paradoxo, poderão aquecer o meu «sorvete cardiaco», como elegantemente denomina minha indiferença, o sentimental Fifi... (E' o appellido caseiro do poeta Epiphânio) Eu já o desconcertei uma vez com essa historia de sorvete e garanti-lhe que o que eu tinha no peito era uma coisa que elle não tinha em casa: — Um espelho onde elle se pudesse enxergar. E como espelho e alfinete são sempre de mau agouro, ficamos mal durante duas semanas por causa daquella minha resposta.

De Sarah Bernhardt, da grande e deliciosa tragica, conta-se interessante passagem no genero. Quando, em tournée pelos Estados Unidos, a grande artista fala sempre o inglez, que ella conhece admiravelmente. De uma feita, quando fallava a um reporter, este por duas ou tres vezes sorriu ao ouvir aquella artista pronunciar locução, talvez um tanto francezada.

Sarah perguntou-lhe então: — O que tem o senhor! O rapaz, pouco diplomata, disse:

— Senhora, a sua pronuncia... me provocou o riso... — Pois, fallamos francez, — replicou Sarah.

A's primeiras phrases do joven jornalista, o semblante de Sarah annuiu-se.

— Que sente, senhora? — Meu caro senhor, o seu francez... dá-me vontade de chorar...

Foi o que me aconteceu, ha dias, ouvindo um moço imberbe, de monoculo, discutir modas, num chá onde só havia senhoras e portanto, onde só começou a haver disparates, como no mundo, depois que appareceu o primeiro homem... Não comprehendendo que ainda haja alguém que tenha o mau gosto de contar a hora do chá a esses pequenos, empomados, de carmin no rosto, voz de flautim e de espartilho... Eu quando os vejo ao meu lado, tenho a impressão que elles estão dentro de minha chicara; que estou a beber chá com jalapa... E às vezes ficam-me parados na garganta, que não ha outro meio, tenho que sair, para... para tossir, pelo menos!

Quando o frangote—permittam-me tal expressão— começou a explicar que gostava mais da saia collante «porque dava a entrever a silhouette morbida da esthetica feminina palpitante», eu estava com uma bomba na mão. Uma bomba de chocolate, infelizmente! Eu sou louca por bombas de chocolate, mas não pude... Larguei a bomba, larguei a chicara, puz-me em pé, e despedi-me.

O frangote, quando me viu de pé, assestou o monoculo para a barra do meu vestido e com um ar de entendedor, continuou:

— Por exemplo a barra do vestido daquella senhora. Não o deixei continuar!

— Perdão, disse-lhe eu, mas peço-lhe encarecidamente que fique fóra da barra... Eu tenho horror aos marinheiros de primeira viagem!

Uma de minhas amigas acompanhou-me e na rua, a rir-se, sentenciou:

— E' um pavor! Esses frangulhos são inatutaveis! Mas conta-me lá, o que ha de novo nas chronicas de modas?

— Nada além do que escrevi no numero passado, quanto ás saias, quanto ás jaquetas, quanto aos tailleurs e quanto aos vestidos de soirée.

O escossez que foi ensaiado para os tailleurs por um ou dous costureiros da Place Vendôme, — um dos quaes teve a extravagancia de exhibir na sua montra um tailleur verde e azul — foi abandonado para esse genero de toilette. Era desvirtuar por completo o tailleur, que tendo sido creado como uma *bonne à tout faire*, exige as cores unidas e preferivelmente escuras, que nao chamam a attenção e por isso mesmo não se tornam logo vistas. O tailleur de seda, pretencioso, quasi habilé com o seu collete lavrado, faz caminho. E' a entrada do tailleur para traje da noite. Resulta, como o outro, de uma necessidade economica de simplificação de toilette feminina. Está a evoluir para, com um pouco mais de habilé, ter na toilette feminina a função commoda do smocking masculino. Já ha modelos ultimos em que suas linhas geras approximam-se do smocking, com um ligeiro tour nas abas e um pouco menos de godet.

Adapte-se-lhe o gorro de seda — o horrivel gorrinho que dá á mulher um aspecto doutoral e implicantissimo — e teremos dentro em pouco nas soirées de meia gala e nos jantares, a monotonia de dois uniformes, um masculino, o smocking e outro feminino, o tailleur habilé, de seda ou de alpaca, tecido que volta novamente a moda.

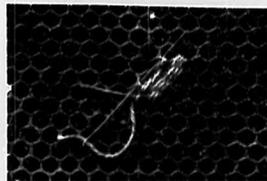
— E' tudo o que ha de novo? — E parece-te pouco? Quando nuna epoca como a que atravessamos, de cruo barbarismo, consegue-se ainda des-cobrir num tailleur de alpaca a avareza de um *bas de laine*, não se pôde descrever de que a psychologia feminina seja uma sciencia, apenas ignorada dos psychologis...



Modelo de taffetà branco com ramagem de côr Da conhecida casa LA SAISON.

TRABALHOS DE AGULHA

BORDADO SOBRE FILÓ (Continuação)



(Fig. 10.) Modo de começar o bordado

Maneira de firmar e arrematar o fio. — E' preciso ter muito cuidado na maneira de firmar e arrematar so-



(Fig. 11.) Modo de arrematar o bordado

lidamente os fios do bordado para que elles fiquem invisiveis. Para começar um desenho dobra-se a ponta do



(Fig. 12.) Modo de cobrir as malhas do filó em carreira horizontal

fio por cima das malhas do filó e borda-se sobre ella, executando carreiras de ponto de seguimento, fig. 10. Para arrematar se passa a agulha com o fio através de uma parte terminada do bordado, fig. 11, depois se corta a ponta do fio que sobra. Para renovar o fio no meio de um desenho, se reúne o fio novo com o antigo da-se um nó pequeno (de tecelão), e se oculta as pontas do fio no meio do bordado.

Maneira de cobrir as malhas do filó. — Para dar nos bordados relevo

a certas partes, se emprega para cobrir as malhas do filó o ponto deitado em lugar do ponto de seguimento. A fig. 12 mostra a maneira de cobrir as malhas do filó em carreira horizontal e a fig. 13 em Zigzag. Cada malha do filó fica coberta por dous pontos deitados obliquos.

Ponto de cordão. — Para acentuar certas linhas direitas ou hastes se emprega em lugar do ponto de seguimento, o ponto de cordão, que é executado em uma carreira indo e vindo.

Na primeira vez se borda uma carreira com ponto de seguimento simples, que se sobreborda na segunda vez com pontos obliquos, formando desse modo o ponto de cordão. A fig. 14 mostra este ponto em linha obliqua e e em linha horizontal.

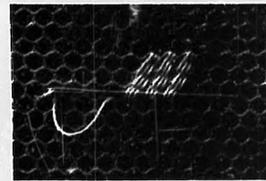
Desenhos de decoração com cravos e estrelas. — Os cravos empregam-se a maior parte das vezes com hastes e são trabalhados ao ponto de seguimento em duas ou mais vezes.

A fig. 15 mostra a direita um cravo terminado, á esquerda um outro cravo em via de execução. Como se pode ver na gravura, antes de começar a segunda carreira se passa a agulha em baixo do ultimo ponto da haste, afim de poder inverter os pontos de seguimento da segunda carreira.

A fig. 16 indica a maneira de bordar pequenas estrellas a ponto deitado com fio grosso e com fio fino. Com o fio grosso não é necessario mais que um ponto por cima de cada malha do filó, ao passo que com o fio fino são necessarios dous pontos. Para executar estrellas grandes se lançam os pontos sempre sobre duas malhas de filó.

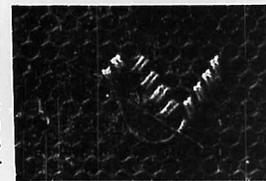


(Fig. 16.) Maneira de bordar pequenas estrellas a ponto deitado com fio grosso e fio fino



(Fig. 13.) Modo de cobrir as malhas do filó com pontos lançados em Zigzag

Em nosso numero passado deixou por descuido de sair a a explicação



(Fig. 14.) Ponto de cordão em linha obliqua e em linha horizontal

dos clichês que é a seguinte:

Fig. 5; maneira de executar o



(Fig. 15.) Maneira de executar cravos a ponto de seguimento

ponto de seguimento com um fio fino em carreiras obliquas.

Fig. 6; maneira de executar o ponto de seguimento com fio fino em carreiras horizontaes.

Fig. 7; maneira de executar o ponto de seguimento com linha grossa em carreiras obliquas.

Fig. 8; maneira de executar o ponto de seguimento em carreiras horizontaes com fio grosso.

Fig. 9; maneira de executar cercaduras e outros desenhos independentes com ponto de seguimento.

(Continúa no proximo numero)

OS OCIOS DOS RICOS

(Uma excursão á chacara Upton, oferecida ás leitoras da REVISTA FEMININA, em qualquer dia feriado)

O trem corria velozmente. Pelo quadrado das janelas passava a voar o panorama triste de nossas zonas suburbanas. A vegetação rasteira, incolor, crescendo com o hausto curto e asphyxico da terra amarellada e secca, que o cupim tornava vultuosa, com o acné amonticulado de seus arranchamentos... De quando em quando uma choupana a esboroar, um tecto em farapos. Na porta da casa um homem ou uma mulher, mal cobertos de andrajos, a aquecerem-se ao sol ou a atirar, grão a grão, o milho de escassas espigas, ao cacarejo esfomeado de gallinhas rachiticas, que com elles compartilhavam da miseria da terra, pela inercia do habitante.

Nem um jardim, nem uma arvore de fructa, nem as quatro azas laboriosas de um moinho; desde ali até ao longe, a penugem branca da «barba de boale», encanecendo de cansaço vadio... E ao alto, o céu novo, de aguas claras e azuladas e o sol tropical, nascendo num berço de opulencias.

O ar da manhã, fresco e aromal, o correr do trem, a vida que se accendia auspiciosa naquella triumpho matinal de resurgimento punha-nos mais accentuada na alma a nota desoladora daquella paisagem, envelhecida e torpida, engatinhando miseravelmente, quasi de rojo,



O bello palacete da chacara Upton

guer-lhe o olhar da calvicie da steppe para a flava e rutila cornucopia do sol, estortegar-lhe a sensibilidade embotada com a massagem do estimulo, contindil-o até, com a percursão violenta do contraste entre sua inercia e a actividade victoriosa do invasor e acordal-o, pela propaganda e pelo exemplo, da lethargia que o prostra, ha seculos, em meio da casa grande e rica que lhe deram a gerir.

Neste programma se podia empregar, com caridade menos espectacular e mais fecunda, o ocio dos ricos. Em vez do manjeio de um four-in-hand, da gymnastica equivoica dos flirts, da infantillidade das corridas de cavallos, da caduque quasi paranoica das brigas de gallo, de todo o vagabundo e maniaico sport, em que a opulencia abre a bocca somnolenta de tedio—tinham os ricos alli, naquella terra abandonada e naquelle homem que se extendia em vasta xarreada, ao sol dos dias—um campo fecundo para seus ocios, um sport novo para sua innocupação, com originalidades de delectes, em trenar o homem e em decorar a paisagem. Si as chacaras dos ricos, com pequenos ou grandes nucleos de vegetação aromal e saborosa, com rebanhos menores ou maiores de selecção, se disseminassem pela terra abandonada, abrindo-se como flores de elegancia e de belleza, na paisagem monotona da campina, o sport em breve traria para os terreiros floridos de seus cottages aquellos braços indolentes que se escondiam sob cobertores sordidos, de cores lancinantes. E a terra deixaria de ser aquella desolação e o homem deixaria de ser aquelle solitário viuvo, que a porta de sua miseria montava guarda á um defuncto... Era o que iamos ver, a convite de um dos nossos grandes capitalistas em visita á sua chacara



Uma pittoresca paisagem da chacara

procurando aquecer ao sol a negatividade frusta de sua autonomia dinamica. E pensavamos:—A terra é grande, é fecunda, é rica. E' um berço de maravilhas que recebeu um engeitado... E' necessario levantar o homem da ruminação preguiçosa de seu indanismo. Pôr-lhe ás pernas tropeças de ataxico, por ajudas, as muletas de um ideal. Drenar-lhe o boejo na sarjadura mais larga de um sorriso, pelo qual defluam as aguas extasiadas das crengas que fructificam. Sucidil-o, espoira-lo, er-

de recreio. O trem parou. A voz rouca do conductor, fãmbem bocejante, tambem triste, annunciou—Pirituba!

— Allow... Good morning!

E o sr. Upton, alegre como o sol, sadamente corado como a manhã, estendeu-nos affectuosamente a mão. O automovel esperava-nos a alguns passos. Era um Overland, magnifico, nervoso, agitado, prestes a partir, os seus quarenta cavallos a escarvarem impacientemente o solo...

—Um Overland!—explicou-nos affavel o sr. Upton, vence setenta kilometros por hora. Engole-os como um allemão engole um bock: sem respirar! Subimos para o automovel, cuja carrosserie brilhava ao sol, na harmonia encantadora de suas formas, como um lindo animal apenas decapitado que ainda estremeceesse, em dois ou tres reflexos.

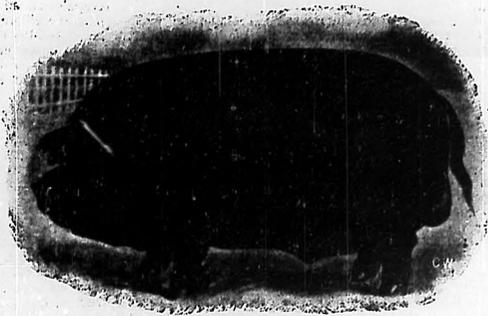
—Com esses nossos caminhos?—perguntamos, numa lastima.

—P'ra a Overland não ha caminhos. Corre no campo: como na cidade—disse-nos o sr. Upton. E' uma perfeição nunca attingida de motor. E a nossa estrada está preparada por mim para qualquer automovel. E' a primeira coisa a ensinar aos nossos homens do campo— a conservação das estradas. Elles não comprehendem ainda que as estradas são as arterias que lhe dão vida á lavoura, facilitando a dupla troca do commercio.

—E' o espirito indolente do povo que o mata, respondemos nós. Espera tudo do governo; nada inicia por si. Si tivéssemos meia duzia de precusores como o senhor, que se espalhassem pelos campos a pregar a boa doutrina, isso valeria por certo mais do que toda a custosa propaganda em que se exhaure o governo.

A Overland, celebre como um raio, tinha atravessado em alguns minutos, os kilometros que separam a estação da chacara. Saltamos em trente á casa, alta, elegante, alegre e fresca, como que vestida em mousselines de veraneto, com sua torre esguia, que dominava com a incontestavel autoridade de sua linha civilisada, o horizonte mal cuidado dos campos vizinhos.

— Não pretendo ser um precursor—repliquou-nos o sr. Upton, com o sorriso que lhe é habitual. — Procuo apenas empregar utilmente para a minha terra os vagares que me sobram na direcção de meus negocios. Como brasileiro, doeme tanto quanto á senhora, ver o atraso de nossos processos de criação e de lavoura. — E em vez de empregar os seus domingos e os seus feriados a ver correrem quatro ou cinco pares num hippodromo ou voltigarem cinco ou seis pares num bamboleante chã-tango... Metto-me aqui, na frescura de meus linhos, a melhorar as raças animaes e as raças vegetaes. Não



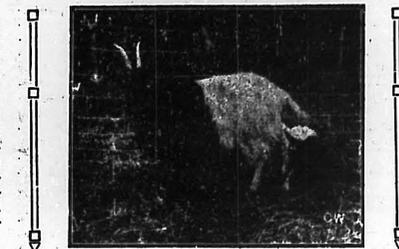
Porco «casco de burro»

deixa de ser um sport, com a vantagem de que se mantem com pequena despeza...

— Tudo isso? — perguntamos intrigadas. Mas ha para ahi algumas geiras de terra primorosamente cultivadas, mais por um artista do que por um lavrador...

— E parece-lhe que o trabalho do artista, a terra não póde compensar? Puro engano. Como sabe, não tenho este nucleo de criação, por negocio, mas ainda assim o que elle produz, basta-lhe para se manter e de toda a parte do Estado começam a chegar-me pedidos, que eu já não posso attender. Estou convencido que si quizesse desenvolver meu ensaio, constituiria uma industria das mais remuneradoras. Quer ver? — Interrogou-nos o sr. Upton, tomando ao acaso, de cima da secretaria, a correspondencia da manhã.

Saboreando uma cheirca de excellente café, que acabava de ser servida, ouvimos o enumerar cidades distantes: Uberaba, Caldas, Franca, Ribeirão Preto, Ponta Grossa (Paraná), Itapetininga e ainda outras, de Estados distantes, do norte e do sul do paiz.



Cabra jimplon

— Foi um pequeno annuncio que mandei para a sua Revista que provocou esta correspondencia. Ha muitos homens de real merito na nossa tão calumniada lavoura, que se interessam pelos assumptos agricolas, que são curiosos de tudo quanto de novo apparece. Tenho uma porção de pedidos de aves e de gado que, infelizmente estou em difficuldades para attender, pela carencia de nossos meios de communicação. E' o que nos mata — a falta de arterias para um paiz de tanta vitalidade. Olhe, quer ver? — e dirijindo-se a um armario tomou um classificador, sobre o qual lemos em caracteres impressos: — Porco «casco de burro». — Isso

talvez não lhe interesse, nem as leitoras de sua Revista...

Como não nos interessa? Trata-se de questões vitais à riqueza de nossa patria e pretende o sr. que não nos interessamos por ellas...

E' que as senhoras geralmente...

— Preferem entre os animais o sport do homem! — pôde concluir sem cerimonia. Não é esta porém a orientação da nossa Revista. Nós pretendemos e desejamos que as nossas patricias, sem ridiculos e subversivos movimentos de emancipação, tomem no emtanto parte directa na vida nacional. Dizia o senhor...

— Veja aqui. Mais de duzentos pedidos de exemplares do porco casco de burro, que estou enviando a proporção que posso. E' uma raça excellente para o nosso clima. De engorda facil e assombrosa, tem uma força e uma vitalidade muscular excepcionaes, um poder assimilatorio e digestivo que recompensa fartamente em gordura e em carne o alimento que com elle se dispênde. São muito prolificos e reproduzem-se por epocha maior que qualquer outra raça. Sua carne é muito tenra e saborosissima e é preferida para o consumo e essas qualidades se revelam igualmente no seu cruzamento com outras raças. Goza de immuniidade contra o cholera e a pneumonia infecciosa e a febre aftosa. Seu peso ao fim de um anno é de 160 a 200 kilos! Em dezembro do anno passado foi vendido na Exposição Panamã-Pacífico um «casco de burro», de tres annos que pesava nada menos de 432 kilos! E' uma fortuna, uma criação desses porcos. Não ha peste que os atinja.

— E o senhor está em condições de attender os pedidos que lhe fizerem?

— Si começarem a chover assim de todos os lados não será possível, porque, como já lhe disse, o que eu tenho aqui é apenas um ensaio de um «afficionado». A todos porem respondo enviando as indicações que me pedem.

E as aves de raça?

— Isso não me falle! Começa a tomar proporções taes que acabam fazendo-me positivamente tornar este meu ensaio num commercio de largas proporções. Vae ver... e foi apañar tres grandes dossiers, do mesmo armario. — Tudo isto — disse o sr. Upton, folheando o primeiro — São pedidos de gallinhas, patos, perdis e de todas as aves que estamos criando por processos scientificos. Para esses pedidos estamos apparelhados porque tenho aqui um grande stock de: Plymouth Rocks, branco amarello e cariço, Orpingtons pretos, brancos e amarellos. Wyandotte brancos, prataes e dourados, amarellos e Columbia, Red Rhod Island, Andaluzas azuladas. Langshand pretas. A bresse preto (franceza) Legorn branco, amarello, preto e perdis (pardo) HAMBURGUEZAS prataes, MINORCAS pretas e brancas. JAPONEZAS toda branca com rabo preto de leque (bantams) JAPONEZAS dourada Seabright, PATOS imperiaes de Pekim e INDIANS rhumers (corredores) GANSO de Toulouse. PERUS gigantes bronzeados (mammoth americano), de cujas raças vendemos: casaes, ternos e quadros por preços razoaveis, assim como ovos frescos para reprodução.

— Mas a sua chiacara já deixou de ser um ensaio — dissemos nós, olhando interessadas a vasta correspondencia que o sr. Upton nos punha deante dos olhos. — E' realmente um centro importante...

— Eh... eh... Não vá tão longe. A senhora devia ver o que são os centros de criação na America do Norte. Chegam a crear-se ramaes de estradas de ferro para os servir.

Estas são cartas sobre as vaccas Guernsey. Vendemos novilhas e novilhas dessa raça, com pedigree da Secretaria da Agricultura do Estado. São tipos excellentes, de grande produção lactea. Este outro dossier é das cabras suizas, as celebres cabras Simplicon, que parecem ter nascido para o nosso paiz, de tal modo nelle se acclimatam. Dão de tres a quatro litros de leite por dia e a senhora sabe a procura que tem leite de cabra, desde que ficou provado que a cabra é isenta

de tuberculose, o que faz com que todas as mães escrupulosas adoptem exclusivamente o leite de cabra para o aleitamento de seus filhos. Veja quantos pedidos!

— Mas é admiravel os resultados a que está chegando o seu estorço...

— Não diga o meu estorço, diga antes o meu ocio, por que são só os dias de folga que eu dedico a tão util sport. No mais a senhora sabe, tenho minha casa de commercio em S. Paulo, que me toma todo o tempo. Ainda lá me dedico à lavoura, importando todas as machinas de lavoura, de que somos os maiores e mais antigos fornecedores de S. Paulo.

— Si todos os ocios dos ricos fossem assim empregados, não se poderia, por certo dizer que a ociosidade é a mãe de todos os vicios.

— Passaria a ser a mãe de todos os animaes! — concluiu o sr. Upton, com o seu eterno sorriso e convidou-nos a um passeio pela chacara, em visita ao pomar e a horta. Nova maravilha de nossa parte. O que alli vimos foi o triumpho mais admiravel da intelligencia e da sciencia postas ao serviço da natureza. Que fructas, que flores, que legumes! Parecia incrível que toda aquella vegetação luxuriante e harmonica tivesse nascido da mesma terra que viramos pela estrada, de hausto curto e agónico. Em tudo, nas proporções desusadas dos fructos, nos lindos matizes que lhes marcavam o sazonalamento, na delicadeza do sabor que os tornava supremo ao paladar, no viço e na maciez do legume, na chromia vivaz das flores, via-se a recompensa generosa da terra, ás mãos que a haviam preparado para o mysterio do amor fecundo!

— Mas era preciso annunciar o milagre que o senhor está aqui fazendo, chamar gente para vir ver em botão o futuro que estaria reservado ao nosso paiz se lessemos mais e «politicassemos» menos... Porquo isto é positivamente uma victoria que vale um apostolado...

Estavamos já no terreiro do cottage, promptos a tomar de novo a bella Overland, para o regresso, quando pronunciamos a phrase acima.

— Já tenho convidado muita gente para vir cá. Estabeleci mesmo a secção de venda de aves e de ovos para chocar, com o intuito de trazer gente que depois se interesse por tão lindo sport, ainda que só o fosse por esse aspecto. Tenho a minha Overland sempre a disposição dos visitantes que avisam de sua vinda á nossa casa de commercio de S. Paulo, largo de S. Bento, 12. A viagem á Piratuba é facilissima e de Piratuba até a chacara, a minha Overland vence em 7 minutos. Vê, portanto que só não vem quem não quer. Aliás é um lindo passeio para um domingo.

— Pois si o senhor me permite vou annunciar tão linda excursão ás leitoras de nossa Revista.

Com o maior prazer e serão recebidas aqui com a sympathia que me merece a sua obra, cujo programma, esse sim, vale por um apostolado.

Despedimo-nos á porta do cottage. Em alguns minutos a Overland entregava-nos a um dos trens de suburbios. Chãna a tarde e á luz violeta do crepusculo fazia maior a tristeza da terra abandonada que atravez dos vidros do vagon, ia-se desmorlandando, confusa e sem aspectos precisos, como uma fita gasta e falha de um cinema de suburbio...

Curiosidades literarias — Consta que os livros mais editados no mundo são: «A Cabana do Pae Thomaz» e «D. Quixote da Mancha». O que porém bateu verdadeiramente o record das edições foi o «LIVRO DO FORTUNA». Quem quiz possuir um exemplar, gratuitamente, envie este annuncio para a CAIXA Postal, 412 — SÃO PAULO juntando um selo de 100 réis para o porte, que o receberá pela volta do correio.

Lavori Femminili

Do sr. Antonio Scabuto, com agencia de revistas nesta capital, á rua 15, n. 53 recebemos varios exemplares da revista que com o titulo acima se edita em Milão, Italia.

O GALLO DA IGREJA

(PARA CRIANÇAS)



No alto da torre da igreja está um gallo. Os meninos que passam pela igreja desejam saber porque puzeram aquelle gallo ao alto da torre e porque tem elle uma só perna e uma só asa. Ouçam então sua historia.

No meio de uma linda ninhada a gallinha que chocara os ovos viu um pinto, que nascera com um só pé, uma só asa e um só lado do corpo.

Cuidou de todos seus pintos, mas principalmente do pintinho doente, que lhe causava muita pena, por ter nascido assim defeituoso.

Foram os pintinhos crescendo e quando se tornaram frangos, separaram-se de sua mãe e cada um foi tratar de sua vida. A gallinha não quiz deixar partir o aleijadinho que junto della cresceu. O aleijadinho porém não agradeceu á sua mãe os trabalhos que com elle havia tido e logo que viu crescer a espóra, no seu unico pé, resolveu partir, com haviam feito seus irmãos.

E quando sua mãe lhe pediu que não partisse, que ficasse com ella, que o continuaria a cuidar e que o cuidaria toda a vida, aleijadinho e fraco, como elle era, o gallinho orgulhoso respondeu-lhe:

— Kó... kó... ró... kó!... arrastando sua unica asa, os outros gallos. — Se os outros foram eu tambem voii... kó... kó... ró... kó!... — e deixou a sua mãe muito triste, poz-se a caminho.

Depois de ter andado algumas leguas encontrou o gallinho um pequeno corrego, cujas aguas estavam paradas, porque uma porção de folhas de arvores lhe tomavam o caminho.

— Gallinho, gallinho, ajuda-me! Tira-me as folhas do caminho e eu poderei andar! — disse a agua.

— Kó... kó... ró... kó... respondeu o gallinho. Arranja-te como puderes, que eu não estou disposto a ajudar-te! e foi andando.

Mais adiante encontrou um fogo quasi extincto que lhe disse:

Gallinho, gallinho, abana-me com tua asa, que estou a morrer de falta de ar!

— Kó... kó... ró... kó... Arranje-se como puder que minha asa não foi feita para abanar fogo!

Ainda mais adiante encontrou o vento preso entre duas moitas flechadas de matto e o vento disse-lhe:

— Gallinho, gallinho, ajuda-me a sahir desta prisão!

— Kó... kó... ró... kó!... Arranje-se como puder! — disse o gallinho e continuou a andar.

Chegou finalmente o gallinho a uma grande cidade e vendo um enorme palacio, quiz saber o que dentro delle havia, mas nem bem, através d'ella a grade e entrou no quintal, foi apañado pelo cosinheiro, que exclamou alegre:

— Este gallinho chegou no momento! Vae ter o patrão um frango ao almoço!

E la foi o gallinho, para o fogão, dentro de uma panella d'agua.

— Aguinha, aguinha, exclamou o gallinho, não aqueças tanto!

A agua respondeu-lhe:

— Não me quizesse ajudar quando precisei de ti! — e poz-se a ferver.

— Foguinho, foguinho! — gritou o gallinho. Não me queimes assim!

— Arranja-te como puderes! Foi o que me respondeste quando precisei de ti! — disse-lhe o fogo e tornou-se ainda mais forte.

Quando o cosinheiro foi tirar o do fogo o pobre do gallinho estava em carvão e o cosinheiro vendo-o assim todo queimado, atirou-o pela janella. O vento que vinha passando na occasião apañou o pobre gallinho e levou-o para os ares e como elle não o tinha querido ajudar, não teve piedade delle e foi espetal-o na torre da igreja, onde o faz gyrrar á sua vontade.

Veem pois os meninos que quem não ajuda aos outros, não será ajudado por ninguém, quando precisar dos outros. A pessoa que só pensa em si e não se importa com os outros, chama-se egoista.

Bump. Bimp.

Para ennegrecer os cabellos

Ha innumeras receitas para dar a cor preta aos cabellos, mas todas as tinturas existentes são muito perigosas porque são á base de nitrato de prata, de nax de chumbo, de cobro, de cobalto e até—parece incrível!—cyanuro de potassio, que é um toxico perigosissimo, que pode envenenar rapidamente. As mais communs são as tinturas progressivas todas á base de nitrato de prata, cuja absorção dá lugar a uma intoxicção lenta, que termina por um cancer do figado ou por um arterio-sclerose ou ainda por accidenções mais graves.

duas unicas formulas inoffensivas são o *Henné* verdadeiro para dar aos cabellos a

cor loira ou castanho-claro e a *Petalina*, que tingio desde o castanho até um bello negro luscioso e vivo, que illude á pessoa mais esportista.

E' preciso não confundir o verdadeiro *Henné*—que é uma farinha vegetal que vem do Oriente e que não existe á venda no Brasil—com diversas tinturas que se encontram á venda no nosso commercio, á base de nax de prata e de chumbo e como rotulo de *Henné*. A pedido de diversas leitoras nós estivamos fazendo esforços para importar do Oriente o verdadeiro *Henné*—para as loiras e castanhas—mas a guerra veio annullar os nossos esforços.

A *Petalina*, que é absolutamente inoffensiva, nós conseguimos que os senhores John

Regent & Comp. fizessem vir da Europa e ás nossas leitoras que desejarem fazer desaparecer os seus cabellos brancos, poderemos servir de intermediaria enviando-lhes a *Petalina*, que não temos duvida em recomendar. Com a *Petalina* em dez minutos faz-se a pintura, podendo lavarse a cabeça em seguida e por brillantissima ou qualquer oleo nos cabellos. É sufficiente uma applicação por mez e cada tubo de *Petalina* pode dar para um anno ou mais pois é concentrada e vae acompanhada de um prospecto explicativo sobre a maneira de usal-a e preparal-a. Simples, facil, perfeito e inoffensivo. Basta enviar a importância de dez mil réis e o endereço á Empresa Feminina Brasileira. Ala-d'ella Glette, 67-S. Paulo.

A VIDA COMMENTADA

AS APARENCIAS

A Arthur de Carvalho Mendes,
o artista da «Cabana das rosas».

DUAS VELHAS

POIS é assim, minha cara! Tudo na vida é uma questão de sorte, ou, por melhor: — é o destino!

— Isso lá é verdade!

— Porque motivo havia um de se casar assim tão pobre, e outro tão rico?!

— Acaso, não merecia Alberto a mesma felicidade que Gustavo?!

— Não receberá elle a mesma educação que o irmão, não tem as mesmas qualidades?

— Emquanto passa, o coitado, o dia todo a labutar n'aquelle emprego mesquinho, para ganhar, — o quê?

— Uma migalha, pavoneia-se o outro, por ali, n'um bello automovel, ao lado da mulher, que é uma das rainhas da nossa sociedade.

— Não ha um dia que os jornaes lhe não publiquem o nome: Raymunda é o idolo da cidade!

— Hoje, temol-a a presidir uma festa de caridade; amanhã, a organizar um garden party; e, nos theatros, nos bailes, a que vai, é sempre a sua pessoa que predomina, a sua toilette que mais olhares attrahe!

— Agora, verdade seja dita: ella é uma linda moça! E tão fina! tão distincta!...

— Com que delicadeza trata o marido: parece ter-lhe uma adoração!...

— E, depois de uma pausa, acrescentará a mesma interlocutora:

— O que porém, não posso comprehender é aquelle ar sempre pensativo, e, por vezes, mesmo tristonho, que traz o Gustavo: dir-se-ia que uma coisa secreta lhe conranga o coração!

— Uma pontinha de ciúme, quem sabe!...

— Tudo é possível! O facto, no entanto, é que, quem o vê assim tão melancolico, e, ao contrario, o



Alberto sempre tão satisfeito, julga invertidos os papéis: imagina que a felicidade; ali, se foi aninhar debaixo do tecto modesto de Adriana, e não no palacio sumptuoso de Raymunda...

E, insistindo sobre o mesmo assumpto, palestraram ellas ainda um bocado, resvalando em seguida por toda a sorte de banalidades.

ADRIANA

Alberto e Adriana acabavam de almoçar no carra-manchão do jardim. Era domingo, e o céu amanhecera muito alto; a varzea, lá abaixo, parecia dormir a

cesta, toda batida do sol: ouviam-se zoldos de enxame, e, no ar, pairava uma doce lassidão...

— Meu amor! — dissera-lhe elle, levantando-se e indo sentar-se ao pé d'ella. — Se tu soubesses o quanto te quero!

— Deverás?... — Tu duvidas?... — e Alberto, abraçando-a pela cinta, beijou-a longamente.

— Somos duas perfeitas creanças! — sorriu-se Adriana. Quem nos surpreendesse assim, havia de suppor que estamos em plena lua de mel... e, no entanto, para o mez a nossa Paulina vae completar cinco annos!

— Cinco annos!...

— E Alberto fizera-se pensativo, balouçando a cabeça.

— Como o tempo corre!... A mim se me afigura, como se fora hontem, a primeira vez que nos acordámos, aqui, os dois nesta casa!...

— E, voltendo o corpo, fitou o olhar enternecido no pequenino cottage, atraz, escondido entre as arvores.

— Foi alli, — apontou, — n'aquella janella, vendo nascer, além, o sol, que, também pela primeira vez, te chamei «minha mulherzinha querida». Te tu me respondeste: — «meu querido marido!»

— Adriana, tivera, então, um suspiro de ineffavel felicidade; — mudára, porém, depois: tornára-se séria, e, os seus lindos olhos, enevoaram-se-lhe de lagrimas.

— Que tens?... indagou Alberto, vivamente amargurado.

— E ella, não se podendo conter, deitou a cabeça ao hombro do marido, e chorou copiosamente, com pequeninos soluços que lhe faziam estremecer o corpo todo.

— Não te comprehendo, Adriana! Estavas tão satisfelta!...

— Nada mais, meu amor!...

— Então, porque choras assim?... — E' que tenho medo... — Medo?! De que?!...

— E, ella, procurando um pouco de calma, mordendo os labios, para recalcar os soluços que lhe arfavam o peito, proseguiu:

— De que um dia tu mudes e não sejas mais o mesmo... — Eu?!...

— Sim, tu!

— Alberto contrafez-se, — e procurou censural-a.

— Adriana! E's injusta! Parece-me que nunca te dei motivos para pensares desse modo!

— Nunca m'os deste, é verdade! E é justamente por nunca m'os teres dado, e me sentir eu tão feliz, que tenho medo...

— Quando, pela manhã, te vejo levantar ás pressas, sahir precipitado para o emprego, lembro-me de teu irmão, comparo-me á tua cunhada, e sinto remorsos!...

— Remorsos?!...

— Acho que fui cruel, que te sacrifiquei! E assim pensará todo o mundo!... Eu não deveria ter

Que te dizia eu, senão que te adoro?!... E tu que mais queres?!...

— Nada mais, meu amor!...

— Então, porque choras assim?... — E' que tenho medo... — Medo?! De que?!...

— E, ella, procurando um pouco de calma, mordendo os labios, para recalcar os soluços que lhe arfavam o peito, proseguiu:

— De que um dia tu mudes e não sejas mais o mesmo... — Eu?!...

— Sim, tu!

— Alberto contrafez-se, — e procurou censural-a.

— Adriana! E's injusta! Parece-me que nunca te dei motivos para pensares desse modo!

— Nunca m'os deste, é verdade! E é justamente por nunca m'os teres dado, e me sentir eu tão feliz, que tenho medo...

— Quando, pela manhã, te vejo levantar ás pressas, sahir precipitado para o emprego, lembro-me de teu irmão, comparo-me á tua cunhada, e sinto remorsos!...

— Remorsos?!...

— Acho que fui cruel, que te sacrifiquei! E assim pensará todo o mundo!... Eu não deveria ter

accedido ao teu pedido: tu merecias uma outra mulher, uma Raymunda que te pudesse dar, como aconteceu ao teu irmão, conforto e brilho na vida!

— Tola! tolinha! — proferiu Alberto, apertando-a contra si. — Compreendendo-te agora! Julgas meu irmão mais feliz do que eu?!...

— Apparentemente é possível que elle o seja e, assim, todos o considerem! Eu, porém, é que não trocára esta nossa deliciosa vidinha, apagada e retirada, junto da nossa Paulina, nem o meu emprego, que me faz esquecer o tempo quando estou longe de ti, pelo fausto que lhe deu a fortuna que lhe trouxe a mulher. Sou feliz, acredita, profundamente feliz! E para ti, serei sempre o mesmo homem!... Não era o poeta quem ensinava:

— «Pour vivre heureux, vivons cachés»?...

— e, não dizia, outro, ainda:

— «Quanta gente que ri, talvez existe
Cujá ventura unica consiste
Em parecer aos outros venturoso»?...

— Que me importa, a mim, a opinião alheia, se a vida é toda feita de apparencias!... Não vivemos nós a ostentar um luxo ruidoso e extravagante, é verdade, — e mesmo que o quizessemos, não poderíamos! — mas, vivemos ditosos um para o outro, e não para «os outros»...

— E, carinhoso, fazendo-a levantar-se, — encaminharam-se os dois vagarosos, amoravelmente abraçados por debaixo das arvores...

Réné Thiollier,
(Villa Fortunata).

(Continúa)

O QUE UMA BOA DONA DE CASA DEVE SABER

(CONTINUAÇÃO)

Quando o champagne deve acompanhar toda a refeição, deve ser deitado nos jarros ou garrafas, servindo-se como o vinho ordinario.

Nas casas onde os assados não são trinchados antes de irem para a mesa, depois de se apresentarem nesta, devem retirar-se, a fim de serem partidos no trinchante da sala de jantar.

Nunca se deve cortar seja o que for na buxeia de prata, porque a fazer-se isso, deteriora-se-a.

Devem mudar-se as facas consoante se mudam os pratos, os convivas após cada prato servido collocarão o talher sobre elle.

Depois de servidos os pratos do meio, um creado de mesa tirará os pratos um a um, enquanto outro munido de uma bandeja de prata e uma escova apropriada, apañará os restos de pão limpando a mesa das migalhas do mesmo, retirará as facas, garfos, e saleiros; pouco depois o creado por diante de cada conviva o prato de sobremesa, acompanhado do respectivo talher.

Um costume muito em voga que tende a generalisar-se, consiste em dispor em em uma salva de prata todas as composições de doce disposta na mesa.

O creado circulará com esta salva no redor d'ella, afirmando de que se sirva cada conviva. Este modo de proceder simplifica muito o serviço e abrevia a refeição, que a sobremesa parece eterna.

N'um jantar, em que haja mais de dezesseis pessoas empregam-se o serviço a dobre-prato; os creados deverão circular um á direita e outro a esquerda da mesa.

Antes da refeição.

Desde que a dona de casa, deitando o seu ultimo golpe de vista pela mesa, se certifica de que os creados estão a postos, e que tudo está em ordem, pode descer ao salão.

Como já dissemos a sua toilette deve ser como a de uma convidada.

Os convivas devem chegar 10 minutos antes da hora fixada para o jantar.

Actualmente não é costume annunciar quando os convidados entram, nem é uso dar o braço; a esposa entra em primeiro lugar, seguida do marido.

Nos poucos minutos que precedem o jantar, deve a dona de casa ter cuidado de apresentar uns aos outros os convivas, com algumas phrases gentis, apresentando-os não só pelo seu nome mas ajuntando a este um qualificativo que indique a sua profissão.

Quando todos os convivas tenham chegado, é de uso concederem-se-lhe mais alguns minutos além da hora fixada. O creado abrindo completamente a porta annunciará a senhora *está servido*.

A dona de casa deve então levantar-se, e, tomando o braço da pessoa que quer

distinguir designa rapidamente, aos homens, as senhoras a quem elles devem oferecer o braço.

O dono de casa offerecerá o braço a pessoa mais distincta socialmente fallando, e passará em primeiro lugar. A dona de casa fechará o cortejo.

Na occasião em que se desfilou do salão para a sala de jantar devemos deixar passar adiante de nós todas as pessoas de gerarchia mais elevada e caminhar-nos, no lugar que nos pertence nem mais atraz nem mais adante.

Manda o protocolo, que n'um jantar, não se offereça o braço para *conduzir á mesa*, mas que se offereça quando nos levantarmos d'ella; para um almoço não deve offerecer-se o braço nem á ida para a mesa nem quando se volta da mesma.

Parece que na actualidade, o que ha de mais *chic* é offerecer-se o braço direito, moda que nos veio da Alemanha.

Não nos furtaremos a dizer para sermos justos, que estas regras são simples chincices, que se podem observar ou não.

Pode proceder-se mais ou menos liberalmente, contando que seja, antes de tudo, bem educado, e se tenha distincção.

Os convidados devem assentar-se no lugar que lhes é indicado n'um cartão, onde se acham os seus nomes, ou então, sob indicação da dona de casa.

(Continúa)

TRADIÇÕES NACIONAIS

Quelminram-se em junho as fogueiras de S. João. Quantas? Muito poucas talvez! Dia da nossa nacionalidade desaparece sufocada pelo peso da importação... Vive-se em francês, pensa-se em francês, come-se em francês! É um prazer pois para os que ainda amam a sua terra e suas lendas recordar com Affonso Arinos o que foi o nosso

SÃO JOÃO

Quem desconhece no Brasil a festa de São João? O seu culto está de tal modo radicado na tradição e na lenda, que sábios foram buscar-lhe as origens em período muito anterior ao cristianismo, nos cultos orgiásticos da Ásia e da África antigas, cuja memória, allegam elles, se conserva no proprio nome de Santa Isabel a mãe do Precursor. Isabel, dizem é "Elisabeth" e decompõe-se em "Elissa" e "Beth", o templo da forte deusa, existente em Carthago e em Epheso.

Esses mesmos sábios consideram as fogueiras de S. João como reminiscência das pyras symbolicas das festas eeneanas orientales, em que no hemispherio septentrional se celebrava o solstício do verão. Não pretendemos, porém, entrar nas origens, mais pedantescas do que reaes, dos cultos christãos. Temos apenas o proposito de examinar esse culto na sua expressão popular, como um capitulo da demopsychologia brasileira.

O mez de junho é o mez das fogueiras e dos mastros em todo o Brasil. Celebra-se nelle S. Antonio, a 13; S. João a 24; S. Pedro a 29; as festas e as fogueiras são na vespera. O dia 23 é esperado com especial ansiedade. De muito antes se fazem os preparativos, arruma-se a boa lenha, preparam-se os doces e o bolo de S. João dispõe-se o livro de sortes, convidam-se a visinhança e não se esquece da boa pinga. Na roça, onde não ha consumados artistas pyrotechnicos, nem simples fogueteiros, cortam-se no mato as taquaras para se fazerem as rouqueiras e os buscapés. Para as salvas, servem as mais velhas pistolas, os bacamartes, os clavinotes e as pedrneiras reunas, muitas vezes esquecidas e enferujadas. Se a festa é celebrada em povoado ou em fazenda onde haja capella particular, é geralmente precedida de novena.

Na tarde da ultima novena, na vespera da festa, ergue-se no adro da egreja ou no pateo da fazenda, o alto mastro onde oscila a bandeira de S. João. É esta uma feia estendida num quadro de madeira onde se pintou a tradicional imagem do Precursor ao lado do seu immaculado cordeirinho. Muitas vezes a bandeira é conduzida da casa do festeiro ao adro por brilhante cavalgada.

Quatro cavalleiros dos mais garbosos, em ginetes de arneses açacalados, trazem a bandeira presa nos quatro cantos por outras tantas alças de fitas, cada uma segura á mão de um

cavalleiro. Recebe-os o vigario em habitos talares e procede á bençã da bandeira, que depois é passada na haste do mastro. Então, no meio da algazarra de povão, de estampidos successivos de baterias de bombas, do espoucar de rojões e de garrandolas, ergue-se lentamente o mastro até ficar apurinado e firme desafiando os ventos. A bandeira gira na haste mostrando a effigie de S. João aos quatro pontos cardeaes, á hora suave em que as palmas dos coqueiros se remexem ao sopro da viração e ao canto das gratinas.

Ao escurecer, as fogueiras devem estar promptas para se atear o fogo ao primeiro signal. Afinam-se violas e violões. Em rumas, nas bandejas, estão empilhadas as caixas de biclas, os pistoles as rodinhas de fogo, os fogos de bengala. Os buscapés e rojões vão ser distribuidos pela molecada, cuja grita e cujas cabriolas re-crudescem ao ver o primeiro rolo de fumo e o primeiro enxame de scentelhas surgirem do vão escuro, entre os troncos sobrepostos em cruz para a construção da fogueira. Montes de batatas, de carás, de mandiocas, de cannas de assucar esperam, para ser desbastadas, o adiantar da noite, ao declinio das fogueiras, quando os animosos cheios de fé põem-se descalços para, de pés nus, calcarem as brasas. Neste momento já estão formados os largos braseiros onde se assam as cannas e as tuberas, ao mesmo tempo que, entre gritos, palmas e clamores, saias se arregaçam e pés feiticieiros tentam a prova do fogo sobre o braseiro sagrado.

À meia-noite, todos, cheios de presentimentos, vão ver a sombra na agua e o desenho da clara de ovo. Rauchos de rapazes e raparigas, com capellas de flores e de folhas ás cabeças, já dansaram pelas salas e ruas cantando uma variante do velho romance medieval portuguez, "D. Pedro Menino", que tem o sabor e os perfumes das cambraias antigas:

Já os linhos enlflorescem
Estão os trigos em pendão,
Ajuntem-se as moças todas
No dia de S. João.

Umás com cravos e rosas
Outras com mangericão
Aquellas que o não tiverem
Tragam um verde limão.

E até agora, quem percorre sítios do nosso interior no mez de junho encontra frequentemente um limão ou uma laranja symbolicos afinados na ponta de uma vara: ahí se festeja S. João.

O grande regosio que acompanha a fogueira não termina sem uma cerimonia que relembra a simplicidade de primifiva das origens do cristianismo; ó o banho lustral de S. João. É crença popular que as aguas têm em tal hora singular virtude, cuja força chega ao seu fastigio quando o primeiro raio do sol, na manhan, de

24, beija tremulamente a superficie dos rios e corregos, que, de pudor e delicia, se encrespam e murmuram. Ao esmorecer das fogueiras, grupos de moços e de moças, com as cabeças coroadas de folhagens e de flores marcham rindo e cantando para a beira dos rios ou praia do mar. Dirão, ao vel-os com suas garrietas e olentes capellas, que estaes na Graçia do periodo de ouro e uma theoria da nalades e faunos serpeia nas dansas sagradas-

Se São João soubesse
Que era hoje o seu dia
Descriera do céu á terra
Com prazer e alegria.

O' meu São João
Eu vou me lavar
Se eu cahir no rio
Mandae me tirar.

Em fóra de portos
Eu vou me lavar
Se eu cahir no fundo
Mandae-me tirar.

Nessa noite é benta a agua
Para tudo tem virtudes

Vamos, vamos,
Toca a marchar
N'agua de S. João
Vamos nos lavar.

Ha nessa crença nas virtudes da agua uma reminiscência do culto pagão das fontes e das divindades protectoras dos lagos e rios. São celebres em Portugal as "orvalhadas de S. João" no dia 23 de Junho, em que a gente se lava na agua corrente para aproveitar-lhe a virtude em tal momento e leve o gado a beber para o mesmo effeito. O cancionero popular menciona essa crença nos seguintes versados nas suas "Tradições populares de Portugal"

Orvalhadas
Orvalhadas,
Viva o rancho
Das moças casadas!
Orvalheiras,
Orvalheiras,
Viva o rancho
Das moças solteiras!

Junto ás fontes, nessa noite, há sempre uma mulher encantada, loura fada ou moura trigueira, a lavar modas de ouro e cantar as mais lindas canções, enquanto indolentemente os seus dedos finos alisam a basta cabelleira.

Não só as aguas, tambem as plantas têm mirificas virtudes nesse dia. Assim, a semente do feto real (osmunda regalis) colhida a meia noite em ponto, de São João, dá a quem a colher o poder de alcançar quanto desejar. O alho plantado na vespera de S. João amanhoe germinado, a arruda floresce e a alcaçofra queimada na fogueira e posta depois ao relento, se reverdecer, indica ao na-

morado felicidades nos amores. Ao deital-a á fogueira devem ser proferidas estas palavras:

Em louvor de S. João
A ver se o meu amor
Me quer bem ou não.

Para crescer-lhes o cabelo as moças cortam-lhe as pontas na manhan de São João, antes de nascer o sol; em Veneza, segundo refere Guibernatis, recolhem nessa noite o orvalho que tem a propriedade de renovar os cabellos.

AS SORTES

A parte mais impressionadora da noite de S. João é a das sortes, quando, já cansados dos fogos, das dansas e dos descantes, recolhem-se os covilhões e em torno da grande mesa, depois de saborearem o bolo de S. João, a gangica tradicional, as pamonhas e manaués, ou nuanuéis, vão consultar o livro do destino.

A sorte da clara de ovo num copo de agua é das mais conhecidas. Passa-se o copo em cruz sobre a fogueira, deita-se sobre o liquido a clara de ovo e põe-se o copo ao relento. As linhas caprichosas que se desenhnam na superficie indicam a sorte: navio, significa viagem proxima; egreja, casamento; caixão, morte.

Deixa-se tambem ao sereno uma bacia de agua. Pela manhan, antes de nascer o sol, vae-se nella mirar o rosto: se a gente não vê bem a propria sombra é signal de que não durará até o S. João seguinte.

Illustra inancável thesaurizador da nossa poesia popular, Mello Moraes Filho, dá-nos na sua "Historia e Costumes", o texto de uma oração usada pelas moças ao firarem a sorte do copo d'agua. Depois de passal-o em cruz sobre a fogueira, tomam delo em gole e escondendo-se atrás da porta da rua, rezam: "Pedro, Confessor de Nossa Senhora! Jesus Christó, senhor nosso, vos chamou e disse: Pedro, tomae estas chaves do céu, são vossas. Por ellas vos rogo, se isto houver de acontecer, dizei sim, sim, sim. Se isso, porém, não tiver de acontecer, dizei não, não não!"

O primeiro nome de homem que a consultante ouvir pronunciar será o daquelle que lhe está destinado para marido.

Mil outras sortes vinham no antigo "Oraculo das Damás", que nessa noite revelava o destino.

Ao lado das sortes galantes, havia sortilégios terrificos, que ninguém revelava para não cahir na abominação geral: tal era o pacto com o diabo. O homem de grandes ambições e sem temor nem escrupulo querendo "tomar parte com o diabo" para que tudo lhe corresse bem e facilmente no mundo, arrava-se de um facão e sózinho, á meia-noite, ia ao fundo de um matto distante ou a uma encruzilhada deserta. Ahí invocava tres vezes o filho das trevas, que lhe apparecia a principio sob a forma de um gallo

preto, sob a de um porco, de um bo de e por successivas trasformações cada vez mais horrendas, tentando infundir o terror e quebrantar o coração de quem o desafiava! Mas este de facto em punho, tem de defender-se do inimigo, que, por ultimo, sob a forma de homem, cruza o ferro com o contendor, despedindo cm torno chispas de luz azulada. E a luta continua, furiosa e encarnicada até o diabo convencer-se da força do homem. Então, fôrma com este o pacto sinistro. O cancionero do norte dá-nos em versos carateristicos, posior a descripção de um desses duellos com o Maligno.

LENDAS DE S. JOÃO

Enquanto ethnologistas e historiadores profanos vão buscar nos cultos organicos de Artemisa as origens das festas de S. João, o povo simples tece, nas noites de luar, o seu rosario symbolico de lendas.

Nossa Senhora indo visitar sua prima Santa Isabel, quando para ambas se avizinhava o nascimento de seus benditos filhos, pediu a Santa Isabel, cujo successo era esperado antes, lhe desse um signal da feliz natividade. Santa Isabel prometteu a Maria Santissima mandar plantar um mastro na montanha proxima e accender em torno uma fogueira.

Com effeito, algum tempo depois, Nossa Senhora divisou, no logar aprazado, fumaça, labaredas e o mastro. Nascera S. João Baptista, o Precursor; e Maria partiu logo a abraçar sua santa prima. Desde então se celebra o santo com fogos e mastros.

Em certa época, na infancia de S. João Baptista, estando elle deitado sobre os joelhos de Santa Isabel, que o calentava cantando, perguntou-lhe: — Minha mãe, quando é meu dia? — Dorme, filhinho, dorme; quando fôr eu t'ô direi.

E S. João dormiu, para só acordar na noite de S. Pedro, a ouvir foguetes e ver fogueiras.

De novo insistiu: — Minha mãe quando é meu dia? — O teu dia já passou, acudiu Santa Isabel.

Se S. João descesse do céu, o mundo arazaria em fogo.

Eis as lendas do Precursor, segundo a versão das "Festas e Tradições do Brasil" de Mello Moraes Filho. Com pequenas variantes, foram estas mesmas que eu tanto ouvi em menino, na longa noite muitas vezes enluarada onde a alma brasileira, re-passada da triplice nostalgia das tres raças componentes do nosso povo, duas das quaes exiladas e uma perseguida, borbotava em enthusiasmos, quebrava-se em lamentos e amegaava-se em esperanças.

AS DANSA

Das fogueiras e festejos de S. João ha memoria no Brasil desde o primeiro seculo da Colonisação. Com

effeto, freiro que escreveu a historia de sua terra concluida em 1627, já fala nos folguedos de S. João que attraíam muitos indios ao povoado e estes eram dos mais enthusiasmas.

As dansas junto ás fogueiras são ainda como outr'ora, as de origem popular europeá e as de procedencia africana, mas umas e outras francamente nacionalizadas com verdadeiras criações originaes nossas, cuja musica é tão caracteristica e tão viva que não ha confundil-a com outras. Pena é que os nossos compositores não se dêem ao trabalho de viajar pelo interior a colher esses elementos preciosos e ineditos da arte nacional. Conhecemos em S. Paulo varias, a "chimarrita" e o "bate-pé" por exemplo; aquella espalhada em todo o sul do Brasil e este usado em toda a parte em Minas, Cuyaz, Bahia, sob os nomes de "dansa de sala", "guayana", "curraleira", "recortado", cada uma das quaes tendo porém o seu cunho particular. Nestas quatro ultimas, o rythmo, o bater de palmas, os sólos e os córos, a variedade das figuras, fazem dellas bailados lindos, com a facilidade de poderem ser dansados por homens sóos, ou mulheres sóas, mas em numeros pares, com um minimo de quatro.

De origem europeá são tambem a "ciranda" e a "rolinha", ambas dansadas em roda, com as seguintes cantigas, respectivamente:

— A ciranda
O' ciranda, ó cirandinha,
Vamos todos cirandar,
Vamos dar a meia volta,
Volta e meia vamos dar.
Vamos dar a volta inteira,
Cavalleiro, troque o par.

— A rolinha
Bote aqui; bote aqui:
O seu pezinho;
O seu pezinho, seu pezinho
Junto ao meu;
No virar, no virar
Do seu pezinho
Um abraço, um abraço,
Lhe dou eu.
Olha a rolinha,
Doce, Doce;
Embaraçou-se,
Doce, doce;
Do nosso amor.
Doce, doce;

— Ando á roda,
Ando á roda,
Porque quero
Me casar
— Colhei neste jardim
A rosa que te agradeira
— Não me serve
Não me agradeira.
Só a ti, só a ti,
Hei de quereir.

Da obra conscienciosa e rica de informações, "Folk-Lore Pernambucano", de Pereira da Costa, vemos que estes bailados populares, que conhecemos no sul são tambem vulgares no norte do Brasil. A "rolinha"

vi-a eu dansada graciosamente muitas vezes em Diamantina, no anno de 1904 e fui revel-a, com alguns variantes, em uma quinta de S. Gonçalo do Amarante, ao norte de Portugal.

As dansas de origem africana, ao som de adufes, caxambús, caxembés, etc., são também frequentes na grande noite de S. João, sob os variados nomes pelos quaes são conhecidas — batuque, lundú, samba, catira, caterê, côco, fandango e outros.

O sol de 24 de Junho encontra muita gente a recolher-se empoeirada e moida e muito cantor, de "cabeça inchada", a insistir:

Os olhos de Nha Maria
São bombas de S. João;
Arrebatam no meu peio
Retumbam no coração.

Para taes apaixonados não ha dor-mir, porque

Quem quer bem, dorme na rua,
Na porta do seu amor;
Do sereno faz a cama
Das estrellas coberto.

A cidade de S. Paulo, como as do norte do Brasil, não ha muito festejava entusiasticamente S. João. Ha quem se lembre ainda de uma corda de fogo, feita, de fogueiras estendidas do largo de S. Bento ao de S.

Francisco. Os abusos e perigos delles resultantes tornaram necessario a abolição desse costume, antes que o crescimento da cidade o fizesse matematicamente impossivel nas ruas.

De um S. João em Sorocaba ficou memoria na descripção de Abreu Medeiros, nas suas "Curiosidades Brasileiras", dadas a lume em 1864. Ahi se nota, ao lado da reza de S. João, e diante do seu altar, na casa de certo Nhô Lico, o fandango. E é ainda assim no sertão brasileiro.

O terço ou a reza que se faz em commum e a convite é inicio da função.

O culto religioso, por um pantheismo que não é estranhavel no povo, existindo como existe em toda parte, e ainda associado não só aos folguedos, ás dansas, aos prazeres, mas também aos actos comezinhos da vida domestica, aos trabalhos agricolas, ao pastoreio do gado.

Ligava-se ás vezes á festa de S. João e aos fandangos os bailados de S. Gonçalo, popularissimos na Bahia e em Pernambuco. Bandos de moças sahiam á rua em torno do estandarte de S. Gonçalo cantando e dansando.

Viva e reviva
São Gonçalinho!
Dae-me, meu tanto,
Um bom maridinho.

Seja bonitinho
E queira-me bem;
Aquillo que é nosso
Não dá a ninguém.

No fandango de Sorocaba, em que ha cachaça, violas, sapateados e des-cantantes em honra de S. Gonçalo, cumprindo uma promessa de Nhá Chica, e dansadores cantam esta quadra de Palmeirim e as seguintes trovas populares:

S. Gonçalo d'Amarante,
Brincalhão e galhofeiro!
Fazei-vos antes das moças
Devoto casamenteiro.

Meu santo S. Gonçalo,
S. Gonçalo do Amarante
Fazei que nossas vidas
Vão sempre por diante.

Meu santo S. Gonçalo
Aceitae esta oração
Que a dona da promessa
Vos faz do coração.

E assim brinca o nosso pobre po-vo. Deixe-xe rir quem tanto motivo tem para chorar!

Afonso Arinos.

Para Meninas e Moças

(Continuação)

Recreios e Jogos

É bom ter constantemente presente na memoria que qualquer exercicio não pode fazer bem algum, se for feito com vestidos que comprimm o corpo, e como o exercicio é a lei do desenvolvimento dos musculos, a unica coisa a fazer é vestir-se de maneira que cada musculo possa mover-se livremente.

A marcha para ser benéfica deve ter um fim agitado e ser um pouco rapida.

A extensão do passo será propor-cionada á força da menina, curto para comecar, e mais e mais longo á medida que ás forças augmentarem.

A corrida é um exercicio excellenté quando é praticado com vestidos apropriados. O exercicio da corrida reclama a respiração profunda que desenvolve o peito. Se é demasiadamente violenta ou prolongada, pode trazer perturbações do coração, ou dos pulmões.

A equitação é um exercicio muito violento que seria bom se as mulheres o fizessem n'uma posição normal: a sua sedção é definitivamente esse respeito. Este exercicio não pode ser recommendado ás que tenham uma tendencia para o desvio lateral da espinha dorsal.

Harvey aconselha-as a aprenderem a montar para os dois lados do cavallo afim

de por em jogo os musculos opostos e contrabalancar a incurvação que os medicos verificam e attribuem á equitação. Se isso é verdadeiro porque não adoptar a maneira de montar dos homens?

Tive occasião do notar que uma moça collocada assim sobre seu cavallo tem uma attitudé mais graciosa que a que exige sella de senhora.

A patinagem é um exercicio delicioso, fortificante, se se pratica com discernimento. Activa a circulação, favorece a digestão, exercita um grande numero de musculos das pernas e do tronco, fortifica os artelhos e os nervos. Deve praticar-se gradualmente, começando na abertura da estação de patinagem e de ella des-de que reconheça que está sendo prejudicial a saude.

Os remos desenvolvem a parte superior do dorso e dos hombros; somente devem ser completados com exercicios que ponham em jogo os musculos anteriores do tronco e do peito.

Tennis é um jogo que requer uma grande actividade, necessitando pois de uma inteira liberdade de movimentos. Qualquer compressão exercida pelos vestidos seria prejudicial.

A natação não é somente um exercicio salutar, mas também em certas occasiões, collocamos, em circumstancias de salvar a nossa vida ou a do nosso proximo. Não ha razão nenhuma que impeça que as moças se entreguem a elle.

Quanto mais cedo começarem mais depressa aprenderão. Não se deve fazer es-

te exercicio immediatamente depois das refeições.

Ha prevenção contra o exercicio de saltar á corda; entretanto desde que estejam convenientemente vestidas e não ultrapassem suas forças não ha inconveniente algum que se entreguem a este jogo. Este exercicio fortifica admiravelmente uma grande variedade de musculos. Praticado ao ar livre é uma das formas de exercicio mais perfeita.

A propria dansa pode ser considerada como um exercicio agradável e salutar. Desenvolve a graça e a força muscular, activa a circulação e a respiração e diversifica pelo seu rythmo, e era para se recomendar. Mas quando se pensa nas horas tardias a que a ella se entregam, nas salas sobreaquecidas na promiscuidade dos sexos, nas ceias tardias e insalubres, nos vestidos decotados, nos perigos de resfriamento, na muito grande liberdade de attitudes imodestas que permitem as nossas dansas á dois, não se pode recomendar um exercicio que apresenta tantos inconvenientes.

Se se pudesse dançar de dia, no ar livre, com amigos da familia, numa *toilette* conveniente, dansas que não fossem as nossas dansas redemoinhantes, mas dansas figuradas, como a quadrilha, ou como o cotillon, etc, nada haveria a censurar. Mas os novos pensamens que a dansa, assim praticada, não teria já para elles o mesmo atractivo!...

2.

VIDA FEMININA

As senhoras norueguesas. O parlamento de Christiania, acaba de approvar, por grande maioria de votos, um projecto alterando varios pontos da Constituição, permitindo ás senhoras desempenhar cargos como membros do governo.

É a Noruega o primeiro paiz que, excepção feita da chefia de Estado em algumas monarchias consente que uma senhora venha a occupar uma pasta de ministro.

Nos parlamentos ou congressos de Estado de alguns paizes, inclusive a Noruega, além do direito de voto e de eleição, as mulheres podiam desempenhar uma serie de cargos publicos e valia a verdade dizer — com ellas ainda não se registraram as patifarias e desfalques tão communs!...

A guerra europeia serviu para convencer muitos homens que desprezavam o valor, a coragen, o talento da mulher, para o exercicio de qualquer cargo, com a maior abnegação, com uma dedicação sem limites!

Basta acompanhar nas européas e ver-se-á o que ellas faziam na Belgica, na França, na Alemanha, na Italia!

As suffragistas inglezas que tanto alarmaram Loyd George, e crêmos mesmo que o desconsideraram, por causa das suas reclamações sobre o direito de voto, no momento de perigo para a patria apresentaram-se aos milhares e encontraram-se nas fabricas de munições, nos correios, nos automoveis, na limpeza das ruas, nos trabalhos mais asperos!

Na França que tem feito ellas?... parece incrível como desdoubaram a sua energia, a aptidão para o trabalho sem medir os peccilhos! E havia quem as pretendesse ridicularisar!

Quando os feministas se batiam pelos direitos da mulher, reclamando ao lado dellas, para que igualmente concorressen na vida, chamavam-n'os de utopistas...

E talvez si as finanças do nosso Brazil estivessem entregues a uma boa dona de casa, andassem melhor...

Adelina Patti. Entre as indiscrções de um jornalista, sobre a vida da grande Adelina Patti, encontramos a seguinte, que é mais util como receita de cosinha, do que interessante como detalhe da vida de uma artista:

— Eis a fritada que Adelina Patti comia todos os dias a bordo do paquete, na sua viagem de Lisboa ao Rio: Compunha essa fritada de dois rins de carneiro, fritos e servidos sobre duas fatias de pão torrado, muito delgadas e frias, como os rins em manteiga.

O cozinheiro da celebre cantora preparava assim este prato:

Tirada a membrana que cobre os rins, deixava-os um bocado em sal e vinagre, picando-os com um agulha grossa. Antes de os frigar em manteiga a ferver, cozia-os durante 5 minutos a fogo lento, depois do que os frigia, então, em fogo vivo, collocando-os depois sobre as fatias e servindo-os muito quentes.

A mulher define o povo. Para conhecer-se a constituição de um Paiz basta olhar a mulher. Enviecida e entronhada pelos seus vicios ella define o despotismo; modesta e ativa em sua modestia ella define a grandeza de um povo — diz Pelletan.

As barbeiras japonezas. As japonezas não supportam no rosto a menor apparencia de barba. O ligeiro buço que faz o encanto da europeia, faz o seu desespero. Ha no Japão barbearias de senhoras e para senhoras.

O feminismo perdeu em França um dos seus mais importantes e notaveis elementos — a sra. Leon Pegard, do "Conselho Nacional da Mulher Franceza" Ha cerca de trinta annos contribuiu para melhorar a situação legal da mulher e particularmente das operarias, com a sua acção pessoal pela sua intervenção junto ao parlamento, poderes publicos, assim como pela grande autoridade de que dispunha.

Desempenhou o cargo de secretaria geral da Sociedade de Artes Decorativas, e obteve em 1896, com o concurso do senador Maurice Faure a entrada das mulheres na Escola de Bellas Artes.

Quatro annos mais tarde, auxiliada pelo sr. René Viviani, emprehendeu a campanha para obter que as diplomadas em direito fossem inscriptas e admittidas ao exercicio da profissão, podendo desempenhar quaesquer mandatos a beneficio de seus clientes.

Realisou numerosas conferencias em que se fez ouvir por operarias de usinas e atelieres de costuras, etc. Não passou um domingo em sua existencia que o não empregasse em favor dos direitos das mulheres.

A sra. Leon Pegard era um espirito brilhante dispondo de grande cultivo, falando com rara facilidade, sabia conquistar os seus ouvintes não só pelo assumpto de que se occupava, mas também pela delicadeza como expunha e pela forma atrahente. Era filha do grande industrial Champigneulle, que vivia em Metz, em 1870, e ao lado de seu paé, assistiu no sitio que soffreu essa praça e foi testemunha ocular da invasão, cujos horrores referia.

O governo francez galardou-a com a medalha de guerra, pelos brilhantes serviços e energia que demonstrou naquella memoravel situação. A sra. Leon Pegard era uma das poucas francezas que possuiam tal medalha.

Achava-se de cama quando rebentou a guerra actual e a noticia de tal modo a emocionou que os seus padecimentos se aggravaram extraordinariamente.

Apezar da prohibição da leitura, era informada diariamente dos movimentos da guerra, e essas emoções continuas concorreram para mais rapidamente roubar á França essa senhora tão notavel pela sua dedicação ao feminismo e pelos seus dotes de intelligencia.

CONDICIONER

A graciosa senhorita Armandina de Barros.

Filha, esuosa e mãe; o mimo, a graça, a formosura, o encanto a obra mais perfeita da criação e cuja missão na terra a divinisa e santifica; porque é a mulher que nos dá o ser, que nos amamenta, que nos encaminha os primeiros passos da vida, que nos fôrma o coração com o fino instinto do seu espirito, ou antes scentelha divina, que resolve o problema da educação. A mulher é uma religião; educa, transforma, encaminha; suavis e dulcifica as agruras da vida; com um sorriso que é todo o seu poder arrebatada, fascina, subjuga; com uma lagrima que é toda a sua força e toda a sua alma — crystallisa o bem e o bello na sua concepção suprema.

Não é só a companheira terna e miga, a esposa casta, pudica e docil — é a mãe extremosa, cujo affecto nunca excolado em seu coração amantissimo, é fonte perenne de caricias e ternuras, de confortos e sacrificios.

Vae nos albergues e consola os famintos e necessitados; entra nas creches e desentranha-se em cuidados pelos innocentes creancinhas confiadas ao seu amor; penetra nos hospites e trata e acarinha os doentes; apparece nos campos de batalha e pensa os feridos; transpõe o oceano, internase nos sertões inhospitos; mitiga as dôres e os soffrimentos; é uma aurora e uma esperanza e chama-se então irmã da caridade: irmã — familia: caridade — religião, dualidade indivisivel, inseparavel divina porque dimana de Deus!

A mulher é o orvalho que dá seiva ás tenras plantas, estrella que brilha no firmamento da vida; é sol, é luz, é calor, é quem nos ensina a falar, quem nos ensina a rir, quem nos ensina a amar; é finalmente inspiradora da poesia, da pintura, das bellas artes porque ao lado de todos os grandes homens encontra-se sempre uma mulher amada, e na phrase autorisada de um escriptor illustre — o amor é o sol do genio!

São Paulo, 3 de Abril de 1916.

Bernardino Gomes.



DE TODO O BRASIL...

(Chamamos a atenção dos nossos anunciantes para a difusão da nossa Revista)

É cada vez mais admirador o movimento de entusiasmo que se nota em todo o Brasil a favor de nossa Revista, e diariamente nos chegam as mais doces notícias de cartas e cartas de pessoas das distintas paragens, muitas das quais estão trabalhando decididamente pela difusão de nossa Revista cujo futuro brilhante será o primeiro triunfo dos senhores brasileiros.

Do Estado de Pernambuco, cuja capital é um dos centros intelectuais de maior potencialidade do nosso país, temos tido no pequeno encorajamento, que se tem demonstrado não somente pelas eloquentes artigos com que toda a imprensa tem recebido a Revista, como também pelo auxílio directo que nos dão prestados por diversos amigos pernambucanos, alguns dos quais não cessam de nos angariar novos assinaturas. Dentre estes últimos é de destacar o nome de Laurindo Borba, um dos mais brilhantes ornamentos da sociedade pernambucana, que tomou a iniciativa de introduzir definitivamente a "Revista Feminina" em seu Estado, e que está trabalhando com um ardor e um entusiasmo, que põem em destaque sua honradez de uma verdadeira vocação literária de seu formoso espírito.

Eis a carta que nos endereçou o Dr. Laurindo Borba: "Tenho em mãos algumas assinaturas para a Revista Feminina. Para que a rennessa da revista em seu numero de Junho proximo, seja prometteo a todos os senhores que junto aqui os nomes e endereços das pessoas a quem devesse remeter sem demora, o numero de Junho logo que todos aqui os recebem. Por outro correio eu vos enviarei a importancia das assinaturas abaixo e ainda algumas que espero angariar.

Eis a lista: Imez Borja, Palacio do Governo, Recife, Pernambuco; Maria Eugenia Borja, Recife, Pernambuco; Schimanski, Cavallotti, Laura Moura, Julia Hezende, Maria Luiza P. Rezende, Alzira Ferreira Jansens, Rita Moura, Maria Mendes da Silva, Bellarmino de Souza Rodrigues, Honorina Lima e Amélia Xavier Pessoa Araújo, de Timbalada, Pernambuco. Como vereis a cidade de Timbalada não presta um bello contingente de assinantes o que me impressionou muito agradavelmente.

— A senhasite Marcuquilha Silva, da capital de Goyaz, outra senhora que está trabalhando com muita dedicacão pela nossa revista, dirigio-nos a seguinte carta acompanhada de 14 assinaturas.

" Bem quisera em phrases vibrantes poder patentear-vos o entusiasmo e sensível estímulo que experimento quando leio a nossa Revista: mas infelizmente tenho de estacionar fatalmente dentro do estreito ambito traçado pela minha escassa intellectualidade. A "Revista Feminina" é digna de todos os elogios, porquanto em seu dedicado escripto se obrigou os ensinamentos de uma séria e entredacada com a mais nitida e perfeita educação cívica, e finalmente as normas para o engrandecimento da mulher que equivale ao engrandecimento da Patria.

Desejando ainda que francamente cooperar em tão grandioso tentamen e correspondendo ao vosso apello de Senhoras Brasileiras envio, sob vale postal a importancia de 78000 para 11 assinaturas, para as seguintes senhoras: D.ª Theolinda de Castro Figueiredo, Eleonora Sant'Anna Garcia, Diva Caiado Jardim, Josephina de Velasco Volff, e Maria Ayres do Couto, Capital de Goyaz, sr. Edmundo Pereira Ayres, Porto Nacional, E. de Goyaz, senhoritas Laura da Costa Neves, Violeta de Bastos, Davina de Moraes, Isolina de Brito e a Honra de Souza Lobos, Formosa—Estado de Goyaz.

— O sr. Joaquim Augusto Sant'Anna, senhem da capital de Goyaz, enviou-nos as seguintes assinaturas: Dr. Theodoro Ayres de Castro, cel. Josino Porto, Major Francisco Craveiro de Sá, prof. Gabriel Patroelo, major Antonio Augusto Sant'Anna, major Milton Augusto Sant'Anna, cpm. Hermocanes Coelho e major Octavio Monteiro.

D. Alzira Ramos de Costa, da Bahia enviou-nos tambem com a sua assignatura, mais duas para, Maria Antonia da Costa Neves e Adelia Ramos Marelim. D. Marieta Sara, Maria José Almeida Moraes, de Juiz de Fora recebeuis carinhos carta enviando mais 5 assignaturas e assim concluo: " Por estar estado muito doente não tenho podido trabalhar para nossa querida Revista, mas vou recommear de novo, e breve enviarei novas assignaturas.

Eis os nomes das assignantes que enviaram: Iracema Vaz de Mello, Clélia Bernardes, Gertrudina Peres, Maria de Luiza Pinto e Carolina de Rezende, Vicosas, Minas. D. Maria J. da Luz, de São Gonçalo, Minas, pede reforma de sua assignatura e envia mais duas novas, e escreve: " Junto a esta um vale postal no valor de cinco e um mil reis, importancia correspondente á reforma de minha assignatura e mais duas assignaturas da Revista Feminina para amigos pernambucanos. E o seguinte o endereço de cada uma dellas: D. Aurea C. Junqueira, Volta-Grande do Sapucahy, Sul de Minas; e D. Maria Ribeiro da Rocha, Rio de Janeiro, Rua Conde de Bonfim n.º 220.

As minhas amigas preferem como premio minha assignatura o livro de receitas "A Cozinha Feminina", da qual sou distincta directora, venho apresentar minhas sinceras felicitações pelo brilhante exito que tem tido a vossa feliz iniciativa, e, ao mesmo tempo, reformar minha assignatura.

O sr. Francisco A. Camargo, Bento Quilino, Linha Moura, escreve: " Incluo envio a quantia de 78000 para uma assignatura da Revista Feminina, pedindo caso seja possível enviar todos os numeros desta minha desde Janeiro, vencendo a assignatura em Dezembro, visto desejar receber os exemplares publicacão em 1916. Poderia mandar o mais breve possível o endereço a minha senhora, Theresa Almeida de Camargo.

D. Cecília Oliveira, Therevina, Estado de Piahy, escreve: " Junto um vale postal de valor de 14800, para renovação de minha assignatura da Revista Feminina, e pagamento de duas outras, para D. Alice de Oliveira, Ana Paysandá, Therevina, Piahy, peço-vos o favor de começar a rennessa, do proximo mez. Não tendo até esta data recebido os n.º correspondentes nos mezes de Fevereiro, Março e Abril, peço-vos a fineza de me enviá-los, visto que a minha assignatura só terminará no fim do corrente mez, como poderá V. Excia. verificar no talão junto.

Estou empregando meus fracos esforços em prol da Revista Feminina, e conto em breve angariar outros assignantes nesta cidade, onde infelizmente é pouco conhecida esta util Revista.

Sou de V. Excia. serva agradecida. D. Amalia Ferreira de Azevedo, Cassia, Minas, escreve: " Conforme vos escrevi, tenho trabalhado em prol do desenvolvimento da Revista, porque acho que uma idéa como esta posta em pratica por um grupo de senhoras corajosas e que não poupam sacrificios para o levantamento moral e intelectual da mulher brasileira, deve ser secundada por todas as brasileiras que prezam o seu País. Feliz o levantamento moral e intelectual da mulher brasileira, deve ser secundada por todas as brasileiras que prezam o seu País. Feliz o levantamento moral e intelectual da mulher brasileira, deve ser secundada por todas as brasileiras que prezam o seu País. Feliz o levantamento moral e intelectual da mulher brasileira, deve ser secundada por todas as brasileiras que prezam o seu País.

D. Anna Lazara do Prado Fernandes, Jabá, escreve: " Tenho a maxima satisfacão em levar ao conhecimento de V. Excia. que recebi um exemplar da Revista Feminina, e que muito apreço. Lamento ter conhecido tarde a vossa Revista, porque, pois em contrario la muito tempo que seria assignataria. Envio-vos a quantia de 78000 em vale postal para a assignatura de um anno. Peço mandarme tambem o "Almanac" presente prometido.

D. Severina Cavallotti, Umbureto, Para hyba do Norte, escreve: " Orgulho-me de ser assignante da primorosa Revista Feminina. Quanto mais dias se passa mais cresce a minha sympathia ao misterio Revista. Junto remetto-vos a importancia de 78000 em sellos do Correio, para pagamento da assignatura da mesma Revista de anno de 1916. Breve enviarei mais duas assignaturas.

D. A. Fontes Leite, Jabotocabal, escreve: " Em vale postal, remetto a V. Excia. a quantia de 21800 para pagamento de 3 assignaturas da nossa querida revista. Farei o postal para que a Revista Feminina conte em Jabotocabal com um grande numero de assignantes. A's vossas ordens subscrevonome para que a Revista Feminina conte em Jabotocabal com um grande numero de assignantes, a começar de Janeiro; Dr. Edgardo Alves Almeida, de Jabotocabal, D. Gertrudes Livramento do Prado, Jabotocabal, D. Amélia de Godoy Botto, MONTE ALTO.

D. Otilia Romalho Pezoso, Taciua, Parahyba do Norte, escreve: " Venho pela presente pedir-vos uma assignatura de vossa illustrada Revista Feminina, para uma minha amiga, tenho me dedicado com a sua leitura, e estou fazendo propaganda, afim de vos ser obtendo mais algumas assignaturas, hoje peço-vos a favor de me assignar, se mais outra, pois apreço imensamente a Revista Feminina. O endereço da minha amiga é o seguinte: Maria Otilia da Silva, Araruama, Estado da Parahyba Norte, de cujo endereço contrará a importancia para pagamento annual da dita assignatura e como premio que a Revista Feminina, ella escolhe o livro "A Cozinha Feminina".

Enviar-nos assignaturas mais as seguintes pessoas: Francisco Prado Moraes de Luz, Villa Nova de Lima, Minas; Emília de Carvalho Barboza, Bananal; Maria de Moraes Ribeiro, Ouro Preto, Minas; Ruth Marchetti, Ido, Horta da Doria, São Francisco, Santa Catharina; João Laranjeiro, São José do Rio Preto; Eliza Cruz Palma, Paraná; Alberto de Moraes, Itapicui, Minas; Avaré; Vicentina Silva, Passo Fundo, Rio Grande do Sul; Anna dos Santos Ferreira, Santo Antonio do Cavalleiro, Goyaz; Olga Cedimber, Cruz Alta, Rio do Sul; E. de Souza Parreira Junior, Faleiro Filho, Nicota Loyola, S. João da Boa Vista; Maria Luiza Palleca, Juiz de Fora, Minas; Jovita B. Dornelles, S. Borja, Rio Grande do Sul; Natália Blum de Mello Bebedouro, Oitila Vieira do Lago, Villa Campestre, Minas; Anna Ribeiro, Arica, Bahia; Anna Passos, Vila Rica, Minas; Delmira Medeiros de Seixas; Juiz de Fora, Minas; Fernando Alvechido, Alagredo, Rio Grande do Sul; Maria Estelita Braco Pessoa, Bezerros, Pernambuco; Alzira da Costa e Silva, Itaquary, Rio G. do Sul; Francisco Assis Gonaldi, Aracaju; Maria do Paçoco Pereira, Macaé, Estado do Rio; Argentina Vianna, Capital; Ida Indolzer, Remanso; Maria Borges de Oliveira, Visé, do Rio Claro; Dália Moutinho de Barros, Igara-pava; Dolmeia Furquim de Campos, Itapetininga; Benedicta de Souza Lima, Ipemama; Ondina Vileto, Guaratatingá; Donina Valadado Furquim, Bebedouro; Olivia de Moura Malafain, Capital; Esther Coeli da Silva Domingos, Bezerros, Pernambuco; Olga Frazão, Estão, Pernambuco; Davina Flor, Santa Maria, Rio G. do Sul; Maria Augusta Neves, Parahyba; Elisa Muniz Barreto, Bar. etos; Bernadina Pessoa, Villa Rio Piracicaba, Minas; Mlle. R. Baça, Alagoiminas, Bahia; Marcia Fonseca, Aracaju; Julieta Queiroz, Terapiana; Omar de Barros, Campina; Maria Angelica Aranha, Palmeiras; Maria das Neves Doria, Piracicaba; Catharina Dias Barboza, Victoria; Regina Marques Barreto Vianna, Porto Alegre; Guilhermina Maria Souza, Capivary; Emilia Coutinho, Vila Souza; Antonio José Guilherme, Cancellar, Maranhão; João Chagas, Pedernegras; Assura de Moraes, Petereiras; Leonor Vaz de Barros, Itapicui; Maria Dalmerina Cruz, Portelão, Estado do Rio; Theodoro Hondon, Aquidauana, Estado do Mato Grosso; Maria Jesus Messias, Bom Jardim, Paraná; Adelinha de Almeida Gonçalves, Pirajá; Estelobina Maria do Purocônio, Juiz de Fora; Adelia Dalila Severiano, Redempção, Ceará; Maria Solidade e Lima, Capital; Candida Tompaz de V. Toledo, Estacão Mombucau, Oswaldo do Barros, Quilim; Gelia Moreira, Mano Jesus dos Perdués; Alice Paes de Barros, Capital; Abilio Barboza, Capital; Emilia Walker, Botucatu, Campina; Maria Estelita Bastantes, Olivia Costa de Toledo, Tieté; Maria Odete Veiga, Casa Branca, Ireno de Sá, Capital; Laura de Barros, Capital; Francisca Ferreira de Camargo, Aracaju.

GENIOS?

Não; estudo e trabalho!



Não creia que o surpreendente exito dos Estados Unidos é devido a que os norte-americanos sejam genios extraordinarios, não; este resultado é devido unicamente a que elles, mais que ninguém, têm reconhecido a importancia vital da educação. Os norte-americanos têm feito tão somente o que a educação tecnica lhes tem permitido fazer. Rara vez têm inventado alguma coisa por casualidade; DEVEM SEUS EXITOS AO ESTUDO E AO TRABALHO.

Existem nos Estados Unidos poderosas forças sociais que impellem o individuo para frente, e que impulsionam ao triumpho. Entre as mais activas destas forças se contam as Escolas Internacionais de Scranton, de ensino por correspondencia, que ha cerca de um quarto de seculo tem educado centenas de milhares de alumnos, guiando-os pelo caminho do exito. Os cursos que ensinam são, sem disputa, os melhores que se tem offerido ao publico e os unicos de sua classe adaptados ao hespanhol e ás necessidades da America Latina.

Não deixe passar esta oportunidade, estude em nossas escolas. Não é necessario para isso que vá aos Estados Unidos, nem tão pouco que aprenda o Inglez para estudar nossos cursos technicos. Não necessita saber de sua casa, visto que as Escolas lhe ensinarão aqui mesmo por correspondencia. Não é sequer necessario que interrompa ou abandone sua occupação actual, visto serem sufficientes os seus momentos vagos. A falta de conhecimentos previos não é tampouco um obstaculo para que comee qualquer dos nossos cursos. Nem si-

ESCRITÓRIOS NO BRASIL SÃO PAULO RIO DE JANEIRO Rua Onze de Agosto, 9-A Avenida Rio Branco, 117 Caixa Postal 945 Caixa Postal 382

quer precisa ter muito dinheiro, porquanto pode pagar o seu curso em prestações muito modicas. Decida-se, pois, sem perda de tempo, a aproveitar-se das oportunidades que lhe traz mesmo ás portas de sua casa, a educação norte-americana. Sejam estas linhas a mensagem que lhe abra as portas de um brillante futuro. Corte o coupon abaixo, encha-o e não-o envie. As Escolas Internacionais de Scranton farão o resto. (Estes cursos são ensinados em hespanhol. As respostas dos alumnos, porém, são accetadas em portuguez).

Veja o que homens illustres, aqui mesmo da America do Sul, dizem acerca de nossas escolas. O Lente de Chimica Applicada á Industria, da Universidade do Chile, que é tambem membro da American Chemical Society e da Societé de Chimie-Physique de France, disse o seguinte:

"Scranton, 5 Setembro 1912. Visitei as Escolas Internacionais e examinei muito minuciosamente cada departamento e estudei seus methodos de ensino por correspondencia. Creio que a adaptacão deste systema aos países latino americanos será uma das forças sociais mais poderosas que contribuirão para o desenvolvimento economico e moral da America Latina. (Firmado) Bellario Dias Ossa.

O prorecto Lente de Mathematicas da Escola Polytechnica de S. Paulo, dr. Carlos G. de Souza Shalders, que por todos os titulos é um dos mais notaveis engenheiros civis do Brasil, referindo-se aos nossos cursos de Electricidade, disse:

"Só tenho palavras as mais lisonjeiras para recomendar a International Correspondence Schools. O curso é pratico, é consciencioso e é barattissimo. Espero que V. S. com o seu esforço intelligente consiga alargar imensamente o campo de acção de tão util instituição entre nós. (Firmado) C. G. S. Shalders

INTERNATIONAL CORRESPONDENCE SCHOOLS

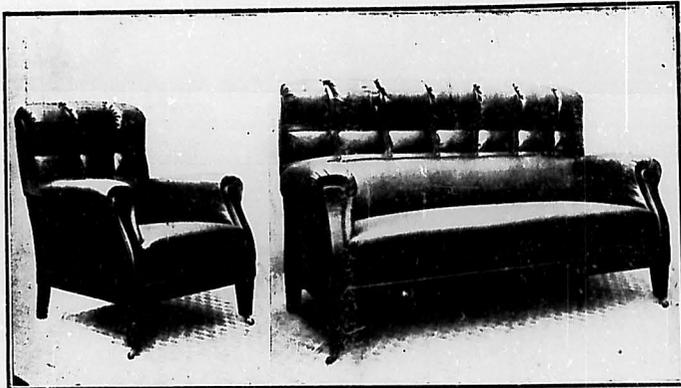
(Escolas Internacionais) de SCRANTON, Pa., U. S. A. Caixa Postal 945 — SÃO PAULO, BRAZIL

Queiram enviar-me todos os dados referentes ao systema I. C. S. para o ensino do curso em hespanhol X. (Preenha mais de 300 cursos em Inguez).

- 1 Topografia e dibujo topografico
2 Ingenieria de Ferrocarriles
3 Alumbração e Travaes Electricos
4 Alumbração Electrico
5 Travaes Electricos
6 Dinamos e Motores
7 Distribuição Interior
8 Dibujo de maquinas
9 Commercial Completo
10 Mecanografia e Typografia
11 Contabilidad
12 Manejo de las Instalaciones de Vapor y Electricas
13 Manejo de las Instalaciones de Vapor
14 Manejo de las Maquinas de Vapor y Dinamos
15 Manejo de las Maquinas de Vapor
16 Modelos Mitchell para el Manejo de los Ferros de Hierro
17 Idioma Ingles
18 Idioma Francés

X. B. Estes cursos podem ser respondidos em Portuguez

Nome
Rua e N.
Cidade
Estado



Uma visita a nossa Exposição é de grande utilidade para quem deseja adquirir móveis.

RICA, MOBILIA EM COURO FINO PARA ESCRITORIO

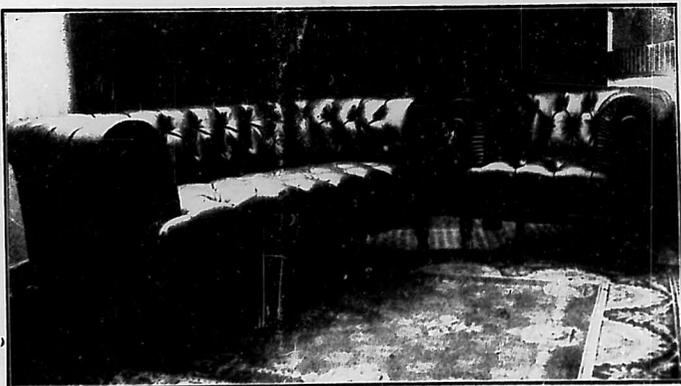
Tapeceiro, Estufador e Armador
JOSE GHILARDI

N. 71 Rua Barão de Itapetininga N. 71

TELEPHONE. 2191 - SAO PAULO

Cortinados transparentes, Mobília estufada, Estrado a mo-
la, Capas para mobília, etc. etc. - Preços sem competencia

Especialidade em mobílias de couro



OUTRO MODELO RICO, EM COURO FINISSIMO EM EXPOSIÇÃO EM NOSSA LOJA